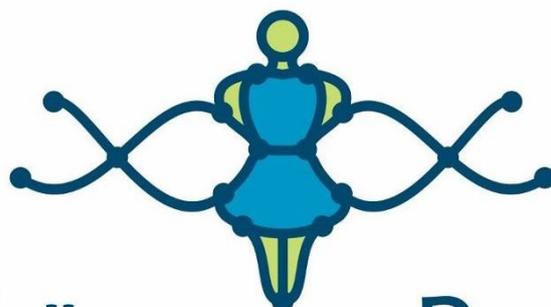


# 1º Relatório Complementar de Resultados



## Mulheres na Pesca

<b>Título do Projeto:</b> Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas.	
<b>Instituição responsável pelo projeto:</b> Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- FAPUR	
<b>Endereço da Instituição executora - UENF:</b> Av. Alberto Lamego, 2000, CCH/ sala 101, Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes/RJ.	
<b>Telefone:</b> (22) 99741-9818; (22) 99731-6289	
<b>Coordenador do projeto:</b> Silvia Alicia Martínez <a href="mailto:silvia-martinez@hotmail.com">silvia-martinez@hotmail.com</a>	
<b>Período de abrangência deste relatório:</b> De 01/11/2017 à 28/02/2018	<b>Data de envio deste relatório:</b> 04/04/2018

### **Bolsistas do Projeto**

Braullio da Paz Fontes - IC/UENF  
Carolina dos S. O. Viana - IC/UENF  
Daniel de O. d'El R. Pinto - Georreferenciamento  
Diana de Sales Glória Silva - IC/UENF  
Gilberto Azeredo Gomes - IC/UENF  
Luceni M. Hellebrandt- Pós- Doc/UENF  
Marcela Ribeiro da Silva - IC/UENF  
Marco A. C. Marinho - Pós-Doc/UENF  
Mariana Sena Lopes - IC/UENF  
Mayara Silva de Almeida - IC/IFF  
Pedro Henrique Bonfim Leal - IC/UENF  
Pollyanna Paes Guimarães Braz - IC/UENF  
Sintyque L. de Moraes Servulo- IC/UENF  
Suelen R. de Souza - Doutoranda/UENF  
Victor C.T. de M. Rangel - Pós-Doc/UENF

### **Pesquisadores Contrapartida**

Deisimara B. P. G. Moraes - Mestranda/UENF  
Geraldo M. Timóteo - Prof. UENF  
Joseane de Souza - Prof. UENF  
Leandro Garcia Pinho - Prof. UENF  
Liandra Peres Caldasso - FURG  
Marcelo C. Gantos - Prof. UENF  
Roberto Dutra Torres Junior - Prof. UENF  
Tatiana Walter – FURG

### **Analista de Negócios**

Cíntia Rodrigues Bach – UENF

## 1. Andamento do projeto em relação aos objetivos

O presente relatório, complementar ao primeiro, relativo a quatro meses de execução do projeto “Mulheres na Pesca: mapas dos conflitos socioambientais em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas”(meses 7 a 10), visa retratar o andamento dos objetivos propostos no plano de trabalho.

Como se observa nas próximas páginas, todos os objetivos e atividades planejadas foram iniciadas conforme o cronograma de execução mensal. Em alguns casos, identificam-se atividades em execução, mas com certo grau de atraso comparado ao planejado, explicitados em cada objetivo.

Em termos gerais, estes quatro meses de projeto serviram para sedimentar informações e refletir sobre categorias, hipóteses e indicadores, mas não se achou prudente a conclusão das mesmas. Esta decisão prevê evitar o risco da necessidade de reformular as mesmas, provocando um resultado mais frustrante. Como será explicitado, houve necessidade de nova recomposição da equipe de pesquisa, sendo que do quantitativo de bolsistas do projeto da portada deste Relatório, devem ser subtraídos três alunos de IC, totalizando sete estudantes. A equipe recomposta e agora completa tem atendido às demandas com presteza e dedicação.

As formações de equipe foram realizadas com ativa participação dos membros, sendo muito importante para o entendimento dos objetivos e do ferramental metodológico do projeto.

O desafio acerca da relação burocrática administrativa com a instituição parceira, Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da UFFRRJ – FAPUR, se mantém, tendo demandado visitas presenciais à mesma, não planejadas inicialmente.

A seguir, descrevem-se detalhadamente as atividades realizadas e os resultados alcançados no período deste relatório, de acordo os objetivos específicos previstos no plano de trabalho deste projeto.

## Objetivo Específico1

Realizar revisão bibliográfica teórica, conceitual e histórica do conflito social e socioambiental, do racismo ambiental e da condição feminina na pesca no Brasil.

### Resultados Esperados A1.1

Construção do marco-teórico que vai orientar a pesquisa empírica e as categorias do banco de dados.

**Coordenação das atividades:** Luceni Hellebrandt e Marco Antonio Couto Marinho.

**Colaboradores:** Marcelo Gantos, Silvia Alicia Martínez, Suelen Ribeiro de Souza.

**Resumo do Status:** Em andamento

**Atividade A1.1.1** – Levantamento da bibliografia nacional e internacional sobre conflitos sociais, condição feminina, racismo ambiental e relações de gênero na pesca.

**Atividades e Resultados:** Foi realizado levantamento de bibliografia nos formatos virtuais e físico. A bibliografia levantada reuniu tanto textos sobre estudos de gênero com conceitos gerais, quanto textos específicos sobre gênero e pesca. O material virtual foi levantando em *sites* de relevância acadêmica (ex.: Portal de Periódicos da Capes, Google Scholar).

Como resultado desta atividade foi estruturado um Grupo de estudos (Atividade A2.2.2) e uma disciplina a ser ministrada junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense, denominada “Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero”. (Ementa e Programa da disciplina conforme Anexos A e B).

Foi realizada uma sistematização de ideias, que incidem sobre o desenvolvimento da noção de racismo ambiental, buscando dentro da perspectiva do Projeto caminhos para a operacionalização desse conceito, de forma a poder subsidiar a cartografia dos conflitos socioambientais. Como resultado, a apresentação das ideias aqui tratadas para a equipe completa, gerou encontros e reuniões dos membros da equipe em torno desse conceito. Essa iniciativa contribui teoricamente para a realização do trabalho de campo, e ao mesmo tempo poderá compor as análises do projeto e também subsidiar a produção de textos, artigos, trabalhos a serem apresentados em eventos acadêmicos. Anexo C.

**Status:** Em andamento. As ações consistem no levantamento bibliográfico de uma literatura específica sobre conflitos socioambientais sobre racismo ambiental. Com esse levantamento (a ser concluído no próximo mês), junto aos arrolamentos já realizados nos meses anteriores, fecharemos o referencial teórico que servirá como guia para a realização do trabalho empírico nas cidades elencadas no projeto.

**Recurso:** Os recursos previstos foram utilizados conforme o planejado.

**Contrapartida:** Nesta atividade usou-se da infraestrutura da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro- UENF: sala de professores, laboratório de línguas, internet, telefone e Pesquisadores (Professores, Mestranda), bem como contou-se com a participação das Professoras da Universidade Federal do Rio Grande/FURG.

**Planejamento original (término):** 23/09/2017

**Replanejamento (término):** 23/03/2018

**Atividade A1.1.2** – Identificação, estudo sistemático e discussão em grupo das principais ideias e vertentes teóricas sobre os temas acima.

**Atividades e Resultados:** Após a seleção de materiais relacionados ao tema (A1.1.1) foi organizado um Grupo de estudos (Atividade A2.2.2) que operou metodologicamente através de leituras individuais para fomentar a discussão em grupo. Os encontros foram realizados semanalmente. A atividade foi estruturada com textos que perpassaram discussões conceituais gerais sobre gênero, bem como leituras direcionadas ao tema pesca e gênero.

As discussões possibilitaram uma compreensão geral das temáticas através de uma leitura com lentes de gênero.

**Status:** Concluído.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Atividade A1.1.3** – Escolha das principais definições conceituais e hipóteses que vão constituir o marco-teórico / metodológico.

**Atividades e Resultados:** A partir da revisão bibliográfica dos textos gerais sobre gênero e específicos sobre gênero e pesca, em conjunto com a discussão em grupo (Atividade A1.1.2), está em andamento uma produção escrita, destacando os conceitos que se adequam ao propósito do Projeto.

Embora esta atividade ainda não se encontre concluída, alguns conceitos específicos sobre a questão das mulheres e que orientam o desenvolvimento do Projeto, corresponde à aplicação de uma lente de gênero para o campo de estudos investigado.

Entendendo gênero como uma situação relacional de poder, baseada em construção social para evidenciar diferenças entre os sexos (conforme Joan Scott elucidou em um texto traduzido para o Português no ano de 1990), a atuação das mulheres na atividade pesqueira artesanal, via de regra, obedece a uma divisão sexual do trabalho. Sobre a divisão sexual do trabalho, Danièle Kergoat explica (em texto traduzido para o Português em 2009 e publicado no livro denominado Dicionário Crítico do Feminismo, organizado por Helena Hirata, entre outras) que é uma forma de divisão social de trabalho que obedece a dois princípios organizadores, sendo eles o da separação e o da hierarquização. Desta forma, o conceito da autora nos permite perceber como o trabalho na atividade pesqueira é separado, existindo trabalhos de (para) homens e trabalhos de (para) mulheres, bem como hierarquizado, quando o trabalho do homem “vale” mais que o trabalho da mulher.

Além disso, há também a questão do trabalho doméstico, destinado às mulheres dentro da divisão sexual do trabalho. Este conceito foi trabalhado por *Dominique Fougeyrollas-Schwebel* no mesmo livro citado linhas acima, definindo como trabalho doméstico as tarefas relacionadas ao cuidado da casa e das pessoas, executado no contexto da família e, portanto, de forma gratuita.

Este contexto produz uma invisibilização das mulheres na atividade pesqueira, tema que Elizabeth Bennet apresentou em artigo publicado no ano de 2005 na *Marine Policy*. Neste artigo a autora destaca três fatores de invisibilização das mulheres na atividade pesqueira, sendo eles o foco da gestão na produção pesqueira e setor de captura; pesquisadores que não incluem mulheres em entrevistas e discussões sobre a pesca; e a falta de uma estatística pesqueira desagregada por sexo. No contexto brasileiro, há ainda a questão da legislação, hora impedindo a participação de mulheres, hora

classificando-as como “atividades de apoio à pesca”, ou ainda, simplesmente eliminando alguma possibilidade de que sejam reconhecidas legalmente dentro da atividade pesqueira e, conseqüentemente, impedindo-as de acessar políticas públicas, conforme Luceni Hellebrandt destacou em trecho de tese de doutorado, defendida no ano de 2017 e intitulada “Mulheres da Z3 – o camarão que ‘come’ as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca”.

Neste interím, de desenvolvimento das principais definições teóricas que orientaram o desenvolvimento do Projeto, destaca-se a busca pela operacionalização do conceito de conflito socioambiental. Na maior parte dos casos os conflitos estão relacionados a noção de escassez de recursos naturais em função da retirada em larga escala/industrial, ou por consequência dessas atividades. Mas não somente a partir da escassez dos recursos, mas também, o uso destes que também podem gerar a escassez. Desta maneira é preciso atentar-se aos tipos de recursos naturais envolvidos, de forma a identificar a estrutura que dispõem os agentes envolvidos – pescadores e pescadoras e suas famílias- para viver a situação que investigamos e buscamos identificar os conflitos como: i) Capital Cultural; ii) Capital Material/Econômico. Sendo os conflitos fenômenos resultantes também de ações no campo político, social, econômico, cultural e jurídico. A operacionalização de um conceito, consiste em explicitar teoricamente o desenvolvimento da prática, do processo empírico de uma pesquisa, nesse sentido fazem-se necessárias algumas considerações. Inicialmente é relevante perceber que problemas ambientais e conflitos socioambientais não são a mesma coisa, embora seja comum eles ocorrerem de forma relacional no ambiente e afetarem de modo distinto a vida social. O caso do presente projeto envolve as pessoas denominadas como *povos tradicionais* e existe o embate entre interesses particulares/ econômicos-industriais versus o interesse público em torno do uso dos recursos naturais. Nessa perspectiva, corrobora-se com a ideia de que “o conflito socioambiental é um conflito social que tem no acesso aos recursos naturais o seu principal objeto de disputa”. (Conforme Daguiete Maria Chaves Brito e colaboradores em artigo apresentado 2011, na Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, intitulado “Conflitos socioambientais no século XXI”, p.55). Um pressuposto importante que o autor traz ao considerar que para determinar-se um conflito como socioambiental, é impreterível que este tenha causas sociais e ambientais associadas.

**Status:** Em andamento.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Atividade A1.1.4** – Discussão dos critérios semânticos de classificação da informação do banco de dados relacional

**Atividades e Resultados:** Esse item encontra-se em desenvolvimento, estão sendo realizadas as sistematizações das leituras e discussões da equipe envolvida em torno do tema, já com avanços no que se referem à delimitação dos pressupostos teóricos a partir dos quais a noção de conflito tem sido trabalhada no projeto, que é fundamental para essa etapa semântica. Do ponto de vista prático, esses pressupostos consistem na classificação de possíveis eventos relacionados ao campo de pesquisa, à realidade dos conflitos encontrados e à melhor forma de representá-los por meio da construção de dados.

A perspectiva aqui construída para a elaboração semântica tem como base a identificação e a classificação de conflitos ambientais que envolvem situações sociais de um contexto histórico e geográfico específico e também de um público particular: a cadeia pesqueira artesanal/não industrial do Norte Fluminense e as mulheres envolvidas nessa produção respectivamente. Onde, nas últimas décadas as atividades industriais, a urbanização, o turismo e a regulação estatal passaram a disputar espaço e a reorientar os sentidos assumidos pelas vidas de pessoas que vivem em comunidades e que realizam a pesca que chamamos de artesanal/não industrial. Essa classificação tem como base a identificação das disputas que se reproduzem a partir da desigualdade estrutural brasileira e que produz, dentre outras consequências, conflitos que envolvem diretamente o uso/manejo, ao acesso, a preservação/ e ou conservação de recursos naturais, que põem em xeque as garantias de sobrevivência dessas populações, impactando-as culturalmente. Tendo como destaque aqui as relações de gênero, paralelamente à expansão de mega empreendimentos econômicos na região/indústria do petróleo, gás e pesca industrial.

Como resultados, mesmo que preliminarmente, apresenta-se aqui uma lista provisória das categorias e possíveis variáveis do Banco de Dados:

1. Nome da Comunidade Pesqueira;
2. Geo –Código do Município onde se situa a comunidade pesqueira – (Código do IBGE);

3. Latitude; Longitude;
4. Mudanças sócio-ocupacionais na população investigada;
5. Dados que apontem a questão da desapropriação fundiária e/ou Migração entre população pesqueira investigada (escala/ saídas ou entradas /saldo permanente ou sazonal/);
6. Dados sobre Mortalidade na população investigada (suicídios, acidentes e mortes por causas externas indeterminadas e/surtos de epidemias/doenças);
7. Alterações ambientais drásticas/problemas no território pesqueiro notados no meio ambiente (existência de assoreamento, desmatamento, poluição da água, poluição do ar, poluição sonora);
8. Insegurança Alimentar (necessidade de receber cesta básica ou outras políticas da assistência social: transformando/ou reconhecendo a população atingida como público da assistência social);
9. Atividades Econômicas presentes no território pesqueiro (tempo de existência, área: turismo, indústria extrativista, comércio, especulação imobiliária);
10. Atores/Instituições diretamente envolvidos (tempo de existência; tipo de atuação denúncia, defesa DH, natureza delas associativismo civil político ou religioso via Religião/Igreja);
11. O acesso as Políticas Públicas no território pesqueiro (tempo de existência, assistência, saúde, profissionalização);
12. Formas de Participação Política no território pesqueiro (atores envolvidos no contexto político: colônia, deputada, prefeita);
13. Dados que apontem para a questão de violações de Direitos de Crianças e Adolescentes no território pesqueiro (trabalho infantil, evasão escolar, fracasso escolar, uso/consumo de drogas);
14. Tipos de atividades pesqueiras predominantes na região pesqueira (tipos de pescado);
15. Atividades pesqueiras desenvolvidas pelas Mulheres (tipos de formas de participação, relações de gênero e condição feminina na pesca);
16. Acesso a RGP/ Reconhecimento profissional/ jurídico; Redes sociais de solidariedade;
17. Acesso aos recursos ambientais por parte das mulheres e famílias de pescadores na região pesqueira (constrangimentos jurídicos e sociais – cercas/muros/ poluição).

As categorias supracitadas, ainda em discussão pela equipe, poderão compor as colunas do Banco de Dados, representando as variáveis que subsidiarão a análise dos conflitos socioambientais.

Sobre a unidade de análise, ela ainda será ainda definida no decorrer do trabalho. Sendo que o Banco de Dados será então composto de variáveis pertinentes ao universo da pesca, considerando o cenário de conflitos socioambientais e a participação das mulheres nessa cadeia produtiva, conforme a literatura consultada e os resultados preliminares da presente pesquisa indicaram como relevantes. Dessa forma, a interpretação envolverá a combinação dos tipos de variáveis que irão indicar a natureza do conflito socioambiental (política, econômica, jurídica, cultural), os tipos de problemas ambientais existentes percebidos ou não percebidos pelas populações atingidas diretamente; relacionadas à participação das mulheres na atividade pesqueira.

**Status:** Em andamento.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

## Resultados Esperados A1.2

“Seminário Interdisciplinar Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil”

**Resumo do Status:** Concluído (1º semestre)

**Atividade A1.2.1**– Organização e realização de um seminário convidando especialistas nacionais que pesquisam o tema da mulher pescadora

**Status:** Concluído (1º semestre)

## Objetivo Específico 2

Seleção e formação da equipe de pesquisadores bolsistas

## Resultados Esperados A2.1

Seleção da equipe para trabalho de campo, por meio de edital (indicador: equipe selecionada).

**Coordenação das atividades:** Cíntia Bach e Silvia Alicia Martínez

**Colaboradores:** Joseane de Souza, Marcelo Carlos Gantos e Roberto Dutra Torres Júnior

**Resumo do Status:** Concluído

### Atividade A2.1.1 – Análise de currículo e entrevista

**Atividades e Resultados:** O processo seletivo para bolsas ocorreu por meio do edital 003/2018. A Análise teve como base a verificação dos currículos, da titulação (para candidatas a Pós-Doutorado) e da coerência dos Planos de trabalho propostos com o escopo da pesquisa e entrevistas. Foram oferecidas 5 (cinco) vagas de Iniciação Científica, distribuídas em 2 (dois) perfis distintos e 1 (uma) vaga de Pós- Doutorando com o intuito de abranger todas as análises necessárias para a pesquisa conforme demonstrado resultado em ata no Anexo D. Dentre os candidatos(as) inscritos(as) foram aprovados(as) 8 (oito) candidatos(as) de IC, ficando 3 (três) na lista de espera. Quanto aos candidatos de Pós-doutorado, foram aprovados 3 (três), ficando 2 (dois) na lista de espera.

**Status:** Concluído

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

### Atividade A2.1.2 – Contratação de bolsistas

**Atividades e Resultados:** Aos aprovados(as) e convocados(as) foi solicitada a documentação necessária para a implementação da bolsa.

**Status:** Concluído.

**Recurso:** A sobra de recursos nesta atividade ocorreu devido a alguns fatores: 1) desligamento de bolsistas; 2) lançamento do edital 003/2018 ter ocorrido somente em janeiro de 2018. Neste período houve necessidade de nova recomposição da equipe de pesquisa, em função vagas remanescentes e de duas alunas de IC terem solicitado o desligamento, uma por motivos laborais e a outra por não se adequar às demandas da pesquisa. Um bolsista de IC foi desligado por incompatibilidade de horário. Assim sendo, do quantitativo de bolsistas do projeto da portada deste Relatório, devem ser subtraídos três alunos de IC, totalizando sete estudantes, conforme pode ser verificado no quadro 1:

Quadro 1- Equipe envolvida no período deste Relatório

Nome	Tipo: Bolsa Contrapartida Celetista	Implementação	Situação
Braullio da Paz Fontes	Bolsa- Iniciação Científica	07/02/2018	Ativa
Carolina dos Santos Oliveira Viana	Bolsa- Iniciação Científica	22/05/2017	Desligada em 05/01/2018
Cíntia Rodrigues Bach	Celetista- Analista	01/04/2017	Ativa
Daniel de Oliveira d'El Rei Pinto	Bolsa- Georreferenciamento	01/11/2017	Ativa
Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes	Contrapartida- Mestrado	28/03/2017	Ativa
Diana de Sales Glória Silva	Bolsa- Iniciação Científica	07/02/2018	Ativa
Geraldo Márcio Timóteo	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	01/10/2017	Ativa
Gilberto Azeredo Gomes	Bolsa- Iniciação Científica	22/05/2017	Desligado em 01/12/2017
Joseane de Souza	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	28/03/2017	Ativa
Leandro Garcia Pinho	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	28/03/2017	Ativa
Liandra Peres Caldasso	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	01/04/2017	Ativa
Luceni Medeiros Hellebrandt	Bolsa- Pós Doutorado	22/05/2017	Ativa
Marcela Ribeiro da Silva	Bolsa- Iniciação Científica	07/02/2018	Ativa
Marcelo Carlos Gantos	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	28/03/2017	Ativa
Marco Antonio Couto Marinho	Bolsa- Pós Doutorado	22/05/2017	Ativa
Mariana Sena Lopes	Bolsa- Iniciação Científica	22/05/2017	Ativa
Mayara Silva de Almeida	Bolsa- Iniciação Científica	23/10/2017	Ativa
Pedro Henrique Bonfim Leal	Bolsa- Iniciação Científica	07/02/2018	Ativa
Pollyanna Paes Guimarães Braz	Bolsa- Iniciação Científica	07/02/2018	Ativa
Roberto Dutra Torres Junior	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	28/03/2017	Ativa
Silvia Alicia Martinez	Coordenadora	28/03/2017	Ativa

Sintyque Lemos de Morais Servulo	Bolsa-Iniciação Científica	22/05/2017	Desligada em 07/02/2018
Suelen Ribeiro de Souza	Bolsa- Doutorado	23/10/2017	Ativa
Tatiana Walter	Contrapartida- Professor/a Pesquisador/a	01/04/2017	Ativa
Victor Cesar Torres de Mello Rangel	Bolsa- Pós Doutorando	07/02/2018	Ativa

### Atividade A2.1.3 –Contratação de celetistas

**Status:** Concluído (1º semestre)

**Recurso:** Cabe ressaltar que a colaboradora Cíntia Rodrigues Bach, relacionada a esta atividade possui vínculo empregatício com a FAPUR atendendo exclusivamente o Projeto Mulheres na Pesca. A FAPUR faz os pagamentos relacionados a esta colaboradora por uma conta exclusiva para esta finalidade. As obrigações trabalhistas referentes à contratada estão em dia, no entanto o projeto “Mulheres na Pesca” não ressarciu a conta integralmente dentro do período abrangido por este relatório. Salientamos que este procedimento não interfere no andamento da pesquisa. Em relação aos benefícios pagos aos contratados, a fundação usa o mesmo tratamento de seus colaboradores internos para o pagamento do plano de saúde, vale-transporte (vale-combustível), vale-alimentação. Este último é pago em dinheiro e o valor diário é estipulado em convenção coletiva. É importante dizer que o tratamento para com os colaboradores de projetos deve ser o mesmo que de seus colaboradores internos.

### Resultados Esperados A2.2

Formação da equipe completa de trabalho

**Coordenação das atividades:** Silvia Alicia Martínez

**Colaboradores:** Carolina dos S. O. Viana, Cíntia Bach, Daniel de O. d’El R. Pinto, Deisimara B. P. G. Moraes, Luceni M. Hellebrandt, Marco A. C. Marinho, Marcelo C. Gantos , Mariana Sena Lopes, Mayara Silva de Almeida, Sintyque L. de Morais Servulo,

**Resumo do Status:** Em andamento.

### Atividade A2.2.1 – Seleção e elaboração de material didático

**Atividades e Resultados:** Foram selecionados textos gerais sobre gênero e específicos sobre gênero e pesca (Anexos A e B, mencionados na Atividade A1.1.1). O conjunto de textos gerais sobre gênero foi organizado e distribuído via e-mail para todas as pessoas integrantes do Projeto. Para as discussões em grupo foi construído um arquivo de apresentação, contendo 104 slides (Anexo E), que faz uma síntese através do destaque de trechos de cada um dos textos discutidos.

Os textos específicos sobre gênero e pesca foram organizados em uma pasta virtual no Dropbox, possibilitando acesso para todas as pessoas integrantes do Projeto.

**Status:** Concluído.

**Recurso:** A compra do equipamento *macbook* previsto nesta atividade foi solicitada e o pagamento será executado no mês de março. O atraso na compra se deu a dificuldade de especificação do equipamento de acordo com a atividade que será realizada.

### Atividade A2.2.2 – Realização de grupos de estudo temáticos

**Atividades e Resultados:** Entre os meses de outubro e dezembro de 2017 foram realizados 7 encontros para discussão do conjunto de textos sobre gerais sobre gênero e específicos sobre gênero e pesca, descritos na Atividade A2.2.1.

Em cada um dos encontros foram discutidos textos gerais sobre gênero, conforme Figura 1. Em seguida, uma pessoa designada previamente apresentou um texto específico sobre gênero e pesca, seguindo um roteiro de revisão bibliográfica (Anexo F).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (aulas teóricas)	Nº de Horas-Aula
Unidade 1 - Introdução aos estudos sobre mulheres e gênero em uma perspectiva interdisciplinar.	9
Unidade 2 – Mundo do trabalho. Esfera produtiva e esfera reprodutiva. Público e privado. Invisibilidade do trabalho das mulheres.	9
Unidade 3 – Outras abordagens para pensar o feminismo. Conceito de Interseccionalidade e a relação com outros marcadores sociais. Feminismo na América Latina.	9
Unidade 4 – Gênero e Meio Ambiente. Relações entre mulheres e natureza. Correntes teóricas relacionadas aos estudos sobre gênero e meio ambiente. Mulheres rurais. Mulheres na pesca.	15
Unidade 5 – Sexualidades. Estudos de gênero. Masculinidades. Teoria Queer.	9

Figura 1 - Quadro com conteúdo programático do grupo de estudos sobre gênero

Fonte: Ementa da disciplina Introdução Interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero.

**Status:** Concluído.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Atividade A2.2.3** – Formação em metodologias quantitativa e qualitativa, em registros audiovisuais e em cartografia georreferenciada

#### Atividades e Resultados:

**Workshop do *Software Avenza Maps***, ministrado no dia 09/11/2017, que contou com a presença de bolsistas e pesquisadores do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Apresentação do *software Avenza Maps*;
- Prática com o *software Avenza Maps*.

**Workshop: Metodologias de Pesquisa - Parte I**, ministrado no dia 10/11/2017, que contou com a presença de bolsistas do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Estudo de caso;
- Método comparativo.

**Workshop: Introdução à fotografia**, ministrado no dia 10/11/2017, que contou com a presença de bolsistas do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Olhar fotográfico;
- Enquadramento;
- Luz e sombra;
- Prática de fotográfica.

**Workshop: Metodologias de Pesquisa - Parte II**, ministrado no dia 07/02/2018, que contou com a presença de bolsistas do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Aspectos gerais da pesquisa científica;
- - Estrutura do projeto de pesquisa;
- - Introdução à pesquisa social.

**Workshop: Georreferenciamento**, ministrado no dia 08/02/2018 que contou com a presença de bolsistas e pesquisadores do projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Noções de Cartografia;
- Introdução ao Sistema de Informações Geográficas;
- Introdução ao uso do GPS;
- Boas Práticas na Obtenção de Dados em Campo.

**Workshop: Introdução ao uso do SPSS na Pesquisa social**, ministrado no dia 21/02/2018, que contou com a presença de bolsistas e pesquisadores do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Conceito e aplicabilidade de banco de dados na pesquisa social;

- Introdução ao SPSS- *Statistical Package for the Social Sciences* na pesquisa social;
- A produção de estatísticas e relatórios a partir do SPSS.

**Formação em Produção Audiovisual (Parte I)**, ministrado no dia 22 e 23/02/2018 que contou com a presença de bolsistas e pesquisadores do Projeto que se familiarizaram com o tema. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Introdução ao tema;
- Roteiro;
- Pré-produção;
- Captação de imagens;
- Edição e montagem;
- Prática de filmagem.

**Status:** Em andamento. A atividade foi replanejada (conforme as datas descritas abaixo). Entre os meses de maio e junho será realizado a 2ª parte da formação em produção em audiovisual, a qual vai acontecer no campo em um dos Municípios de abrangência do projeto.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):** 23/09/2017

**Replanejamento (término):** 23/07/2018

### Objetivo Específico 3

Caracterizar as condições de vida das mulheres pescadoras com base em dados secundários de variados repositórios:

#### Resultados Esperados A3.1

Caracterização demográfica e socioeconômica da população dos municípios selecionados e da população pesquisada.

**Coordenação das atividades:** Joseane de Souza e Marco Antonio Couto Marinho.

**Colaboradores:** Bráulio da Paz Fontes, Gilberto Azeredo Gomes e Pollyana Paes Guimarães Braz.

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A3.1.1-** Levantamento de informações demográficas (sexo, idade, cor) no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2010) e base de dados do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte (2015-2016).

**Atividades e Resultados:** Estamos realizando apresentadas aqui novas compilações e análises das características dos municípios a partir de dados demográficos da população total sistematizados por idade, e cor-raça para: Arraial do Cabo, Cabo Frio, Macaé, Quissamã, Campos dos Goytacazes, São João da Barra e São Francisco do Itabapoana. Em tal momento, os dados demográficos levantados segundo as variáveis sexo, idade, cor, extraídos do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 da Base de dados Pescarte encontram-se em fase de análise e validação para a consolidação da informação.

**Status:** Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações demográficas já levantadas sobre sexo, idade, cor no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2010) e na base de dados do Projeto Educação Ambiental (PEA) Pescarte (2015-2016). Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final dos resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):** 23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

**Atividade A3.1.2 -** Levantamento de informações socioeconômicas (escolaridade, situação no mercado de trabalho e rendimento)

**Atividades e Resultados:** Dados demográficos levantados segundo as variáveis escolaridade, situação no mercado de trabalho e rendimento extraídas do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 da Base de dados Pescarte em fase de análise e validação para a consolidação da informação.

**Status:** Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações já levantadas sobre levantamento de informações socioeconômicas tais como escolaridade, situação no mercado de trabalho e rendimento. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final dos resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:** Parte do recurso desta rubrica foi utilizada para uma atividade não prevista descrita no item **5. Atividades complementares**, referente a uma saída de campo exploratória em todos os municípios do projeto, priorizando os meses de novembro e dezembro anteriores à temporada em que o turismo é mais intenso em alguns municípios, com o uso de diárias de campo exploratório. Este recurso foi também utilizado para viagens de reuniões ocorridas de FAPUR/Seropédica, haja vista estas diárias não foram previstas no plano de trabalho do projeto.

**Planejamento original (término):** 23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

### Atividade A3.1.3 - Elaboração de indicadores (simples e/ou compostos)

**Atividades e Resultados:** Mantivemos nesse período, o status da atividade em andamento. Considerando ainda os aspectos de viabilidade de elaboração de indicadores compostos ainda em fase de análise pela equipe de pesquisadores, considerando a questão da construção do banco de dados como atividade correlata ao desenvolvimento e validação dos tais indicadores, a elaboração dos indicadores encontra-se diretamente relacionada à conclusão da fase de análise e validação para a consolidação da informação dos dados demográficos, extraídos do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 da Base de dados Pescarte.

**Status:** Em andamento. As ações consistem na checagem de um dos indicadores (simples e/ou compostos) já produzidos. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final dos resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Contrapartida:** Para elaboração destes indicadores, fez-se necessário o uso da base de dados do Pescarte (2015-2016), censo IBGE (2010), bancada de informática do Centro de Ciências do Homem-CCH, e sala de professores do Laboratório de Gestão e Políticas Públicas (LGPP), bem como Pesquisadores da UENF e FURG.

**Planejamento original (término):** 23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

### Resultados Esperados A3.2

Análise dos processos de seletividade no mercado da pesca de cada município a partir da base de dados Pescarte (2015-2016)

**Coordenação das atividades:** Joseane de Souza e Marco Antonio Couto Marinho.

**Colaboradores:** Bráulio da Paz Fontes, Gilberto Azeredo Gomes e Pollyana Paes Guimarães Braz.

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A3.2.1** - Identificação das ocupações principais e secundárias, quando for o caso, que homens e mulheres exercem no mercado da pesca.

**Atividades e Resultados:** Dados encontram-se em fase de análise e validação.

**Status:** Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações levantadas sobre ocupações principais e secundárias, quando for o caso, que homens e mulheres exercem no mercado da pesca. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final dos resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):** 23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

---

**Atividade A3.2.2** - Identificação dos rendimentos auferidos por homens e mulheres no mercado da pesca, por idade e por ocupação

---

**Atividades e Resultados:**Dados encontram-se em fase de análise e validação.

**Status:** Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações levantadas sobre dos rendimentos auferidos por homens e mulheres no mercado da pesca, por idade e por ocupação. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final dos resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:**Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):**23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

---

**Atividade A3.2.3** - Análise da divisão social do trabalho, no mercado de trabalho da pesca, por gênero

---

**Atividades e Resultados:**Dados encontram-se em fase de análise e validação.

**Status:**Em andamento.As ações consistem na checagem de cada uma das informações levantadas relativas à divisão social do trabalho, no mercado de trabalho da pesca, por gênero. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final das análises resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:**Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):**23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

---

**Atividade A3.2.4** – Análise da divisão sexual do trabalho no mercado da pesca e no domicílio, a partir da base de dados Pescarte.

---

**Atividades e Resultados:**Dados encontram-se em fase de análise e validação.

**Status:**Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações levantadas relativas à divisão sexual do trabalho no mercado da pesca e no domicílio, a partir da base de dados do

Pescarte. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final das análises e resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:**Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):**23/08/2017

**Replanejamento (término):** 23/04/2018

### Resultados Esperados A3.3

Análise de conflitos vinculados à condição feminina no mercado de trabalho da pesca, a partir da base de dados Pescarte (2015-2016).

**Coordenação das atividades:** Joseane de Souza e Marco Antonio Couto Marinho.

**Colaboradores:** Bráulio da Paz Fontes, Gilberto Azeredo Gomes e Pollyana Paes Guimarães Braz.

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A3.3.1** - Análise, na perspectiva de gênero, da percepção sobre a participação feminina no mercado da pesca

**Atividades e Resultados:**Dados encontram-se em fase de análise e validação.

**Status:**Em andamento. As ações consistem na checagem de cada uma das informações levantadas na base de dados Pescarte (2015-2016) relativas à perspectiva de gênero, da percepção sobre a participação feminina no mercado da pesca. Essa etapa inclui também ações de reformatação final de tabelas e gráficos. Enfim, consiste em ações de validação final das análises e resultados levantados nas bases consultadas. Isso se mostra fundamental para a consolidação final dos resultados produzidos, para posterior publicação.

**Recurso:**Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):**23/12/2017

**Replanejamento (término):** 23/06/2018

### Resultados Esperados A3.4

Construção da estrutura do banco de dados

**Coordenação das atividades:** Joseane de Souza e Marco Antonio Couto Marinho.

**Colaboradores:** Bráulio da Paz Fontes, Gilberto Azeredo Gomes e Pollyana Paes Guimarães Braz.

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A3.4.1** - Construção de um banco de dados com as variáveis e indicadores utilizados na caracterização das condições de vida da população estudada.

**Atividades e Resultados:** Estamos em processo de construção do Banco de Dados. Entendo que um Banco de Dados é muito mais que um conjunto de informações dispostas entre linhas e colunas, e sim um produto complexo capaz de expressar representações sociais por meio de dados alfanuméricos coerentes a um objetivo semântico. Dessa maneira, a construção do Banco de Dados embora já tenham sido concluídos alicerces, correspondendo a 40% da empreitada, estes ainda encontram-se em processo constitutivo, ainda sem uma forma definida, pois envolve tanto a análise de pressupostos teóricos presentes na literatura especializada que estamos levantando, no sentido de nos guiar na construção de categorias analíticas identificadas como pertinentes no Projeto, como a definição das variáveis que comporão tal base de dados que subsidiará a elaboração do produto final da pesquisa que consiste na cartografia dos conflitos socioambientais a partir da perspectiva das mulheres que atuam na cadeia produtiva da pesca nos municípios do norte fluminense.

**Status:** Em andamento. A construção das categorias do banco de dados está vinculada a atividade A114- Discussão dos critérios semânticos de classificação da informação do banco de dados relacional, a qual está em andamento. A partir da conclusão desta atividade será possível confeccionar a estrutura e funcionamento do banco de dados, alimentado com o decorrer do trabalho de campo realizado municípios abarcados pelo projeto.

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento original (término):** 23/02/2018

**Replanejamento (término):** 23/08/2018

## Objetivo Específico 4

Elaborar um banco de dados dos conflitos e um mapa com georreferenciamento de informações levantadas.

### Resultados Esperados A4.1

Relação com os principais conflitos socioambientais envolvendo mulheres vinculadas à pesca

**Coordenação das atividades:** Luceni Hellebrandt

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada.

**Atividade A4.1.1** - Apuração dos conflitos junto a informantes-chave, a partir dos dados e informações coletadas, identificados na etapa anterior. (Primeira visita a campo)

#### Atividades e Resultados:

**Status:** Não iniciada. A atividade foi replanejada (conforme as datas descritas abaixo). Nos meses de janeiro e fevereiro, as comunidades de pesca dos municípios que o Projeto abrange estão envolvidas também em atividades voltadas ao turismo, dificultando a execução do trabalho de campo.

**Planejamento inicial:** 23/01/2018

**Replanejamento:** 23/04/2018

**Recurso:** Pode-se destacar que a sobra de recursos nesta atividade ocorreu prioritariamente pelo adiamento da atividade “primeira visita de campo” (conforme descrito acima). Quanto a compra de equipamentos: Os microfones estão em processo de compra, e o gravador digital ainda está sob análise.

**Atividade A4.1.2** - Seleção dos conflitos mais relevantes por município

#### Atividades e Resultados:

**Status:** Não iniciada, conforme descrito na Atividade A4.1.1

**Recurso:** A sobra de recursos financeiros, nesta atividade, ocorreu devido processo moroso licitatório dos veículos, no entanto está em fase de finalização.

**Planejamento inicial:** 23/01/2018

**Replanejamento:** 23/04/2018

**Atividade A4.1.3** - Georreferenciamento dos conflitos mais relevantes identificados em A412.  
(Primeira visita a campo nos sete municípios)

---

**Atividades e Resultados:**

**Status:** Não iniciada, conforme descrito na Atividade A4.1.1

**Recurso:** Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento inicial:** 23/01/2018

**Replanejamento:** 23/04/2018

**Resultados Esperados A4.2**

Aprofundamento da compreensão dos conflitos mais relevantes identificados na etapa anterior.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.2.1** - Realização de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos nos conflitos e registro fotográfico com autorização dos sujeitos depoentes. (Segunda visita a campo nos sete municípios)

---

**Resumo do Status e resultados:** Não iniciado, conforme cronograma de atividades.

**Resultados Esperados A4.3**

Descrição, caracterização e registro dos casos de conflito mais representativos de cada município.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.3.1** - Seleção dos casos a serem descritos, caracterizados e documentados em profundidade, com registro audiovisual de depoimentos (Terceira visita a campo nos sete municípios)

**Resumo do Status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A4.3.2** - Edição do material e arquivamento digital das entrevistas e dos registros audiovisuais.

**Resumo do Status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

#### Resultados Esperados A4.4

Construção do banco de dados

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.4.1** - Preenchimento do banco de dados

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

#### Resultados Esperados A4.5

Construção do banco de imagens

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.5.1** - Preenchimento do banco de dados

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

#### Resultados Esperados A4.6

Elaboração final da Cartografia.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.6.1** - Elaboração da identidade visual do mapa, das representações cartográficas e da Home Page

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A4.6.2** - Sistematização dos dados sob a forma cartográfica

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A4.6.3** - Digitalização dos dados cartográficos

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A4.6.4** - Disponibilização eletrônica da cartografia

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

## Objetivo Específico 5

Elaborar uma síntese analítica.

### Resultados Esperados A5.1

Análises textuais para compor o mapa dos conflitos socioambientais relacionados à pesca e envolvendo relações de gênero em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo de status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A5.1.1** - Discussão em grupo de cada caso documentado a fim de estabelecer parâmetros de análise

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A5.1.2** - Elaboração de análises a serem levadas à discussão com a equipe coordenadora e de pesquisadores para aperfeiçoamento e validação

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

### Resultados Esperados A5.2

Elaboração, submissão e publicação de artigos científicos, capítulos de livros e coletânea de capítulos com os principais resultados das análises.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades

**Atividade A5.2.1** - Escolha dos principais temas e subtemas a serem trabalhados nos artigos e capítulos

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A5.2.2** - Elaboração e envio de artigos e capítulos de livro, em sua maioria de autoria coletiva

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

### Resultados Esperados A5.3

Relatórios analíticos (parcial e final).

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciado

### Atividade A5.3.1 - Elaboração de relatórios parcial e final

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

## Objetivo Específico 6

Divulgar e discutir os resultados alcançados.

### Resultados Esperados A6.1

Seminário na Universidade para apresentar e discutir as sínteses analíticas e lançamento do mapa dos conflitos socioambientais relacionados às mulheres na pesca em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

### Atividade A6.1.1- Organização, divulgação e realização do seminário

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

### Resultados Esperados A6.2

Publicação de artigos científicos, material fotográfico e audiovisual em congressos e revistas científicas especializadas

**Coordenação das atividades:** Silvia Alicia Martínez e Cíntia Bach

**Colaboradores:** Cíntia Bach, Carolina dos S. O. Viana, Deisemara B. P. G. Moraes, LuceniHellebrandt, Marcelo C. Gantos, Marco Antonio Couto Marinho, Mariana Sena Lopes, Sintyque L. de Moraes Servulo, Suelen Ribeiro de Souza.

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A6.2.1-** Elaboração e preparação para envio e submissão de artigos científicos, material fotográfico e audiovisual.

**Atividades e Resultados:** No período que corresponde a este relatório foram elaborados e submetidos trabalhos para 2(dois) eventos científicos (Anexo G, Anexo H), conforme quadro 2:

Quadro 2 - Elaboração e preparação de trabalhos para submissão de artigos científicos, material fotográfico e audiovisual

Data de submissão	Autores	Título	Nome do Evento	Tipo de participação
31/01/2018	LuceniHellebrandt; Silvia Alicia Martinez	Health issuesanddifficulties for women in small- scalefishingactivity in citiesfromthe North Fluminense in Brazil	The FifthInternationalFishingIndustrySafety& Health Conference ( <a href="https://ifishconference.ca/">https://ifishconference.ca/</a> )	Apresentação Oral
30/12/2017	Silvia Alicia Martinez, LuceniHellebrandt, Marco A. C. Marinho, Marcelo C. Gantos, Sintyque L. de Moraes, Deisimara B. P. G. Moraes, Mariana Sena Lopes, Suelen Ribeiro de Souza, Cíntia Bach, Carolina dos S. O. Viana	Da água à mesa: o trabalho feminino na atividade pesqueira	Residencia Artística del Centro de EstudiosBrasileños. ( <a href="http://www.cebusal.es/resultados-de-la-residencia-artistica-2018/">http://www.cebusal.es/resultados-de-la-residencia-artistica-2018/</a> )	Mostra fotográfica

**Status:**Em andamento.

**Recurso:**Sem recursos financeiros previsto para esta atividade.

**Planejamento inicial:** 23/04/2018

**Replanejamento:** 01/08/2017

### Resultados Esperados A6.3

Publicação e lançamento em evento específico com debatedor externo de coletâneas com capítulos de livros oriundos da pesquisa.

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A6.3.1-** Organização das coletâneas e do evento de lançamento, debate e divulgação

**Resumo do status e resultados:** Não iniciado, conforme cronograma de atividades.

### Resultados Esperados A6.4

Participação em eventos científicos

**Coordenação das atividades:** Silvia Alicia Martínez

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Em andamento.

**Atividade A6.4.1-** Elaboração e submissão de artigos científicos em congressos relevantes da área (Participação)

**Atividades e Resultados:** No período que corresponde este relatório houve participação em 2 (dois) eventos científicos (Anexo I e J) com 4 (quatro) trabalhos apresentados, conforme o quadro 3.

Os certificados referentes as apresentações no IV Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão-CONEPE 2017 não foram disponibilizados.

Quadro 3–Participação em eventos científicos

Data de apresentação	Autores	Título	Nome do Evento	Tipo de participação
02/11/2017	Suelen Ribeiro de Souza, Luceni M. Hellebrandt, Silvia Alicia Martinez e Marcelo Carlos Gantos	Uma Análise Dos Conflitos Socioambientais Da Comunidade De Pescadores De Farol De São Tome - RJ	VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades ( <a href="http://viconinter.com.br/">http://viconinter.com.br/</a> )	Apresentação Oral
03/11/2017	Deisimara B. P. G. Moraes, Luceni M. Hellebrandt, Silvia Alicia Martinez e Marcelo Carlos Gantos	Relações de Gênero e as condições de trabalho das mulheres em comunidades pesqueiras dos municípios de Quissamã e São João da Barra	VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades ( <a href="http://viconinter.com.br/">http://viconinter.com.br/</a> )	Apresentação Oral

13/12/2017	Sintyque L. de Morais Servulo, Luceni M. Hellebrandt, Marcelo Carlos Gantos, Silvia Alicia Martinez, Suelen Ribeiro de Souza	“A mulher sempre mostra sua força! (de trabalho).”	IV Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão-CONEPE 2017 ( <a href="http://conepe.guarus.iff.edu.br/">http://conepe.guarus.iff.edu.br/</a> )	Banner
13/12/2017	Mariana Sena Lopes, Luceni M. Hellebrandt, Marcelo Carlos Gantos, Silvia Alicia Martinez, Suelen Ribeiro de Souza	Impactos Socioambientais causados pela implementação do Porto do Açú - São João da Barra/ RJ.	IV Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão-CONEPE 2017 ( <a href="http://conepe.guarus.iff.edu.br/">http://conepe.guarus.iff.edu.br/</a> )	Banner

Obs: Os Anais do VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades estão em fase de conclusão e publicação pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (ANINTER-SH).

**Status:** Em andamento

**Recurso:**

**Planejamento inicial:** 23/04/2018

**Replanejamento:** 05/07/2017

### Resultados Esperados A6.5

Devolutivas com os comunitários.

**Coordenação das atividades:**

**Colaboradores:**

**Resumo do Status:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

**Atividade A6.5.1-** Visitas às comunidades para devolver os resultados.

**Resumo do status e resultados:** Não iniciada, conforme cronograma de atividades.

## 2. Andamento da execução do projeto

O projeto está sendo executado com compromisso e responsabilidade compartilhada entre os membros da equipe. As atividades estão sendo realizadas no que diz respeito à composição e formação da equipe, revisão bibliográfica, estudo sistemático e identificação de vertentes teóricas, principalmente no campo de estudos de Gênero e conflito socioambiental.

Entretanto, houve necessidade de alteração do cronograma original para algumas delas, visto que no decorrer do projeto observou-se que o planejamento não se adequou à realidade, tanto por questões estruturais (atividades suspensas na UENF por conta de greve justificada pela crise econômica do estado do RJ), como por demandas geradas como consequência do redesenho do trabalho de campo.

Essas adequações demandaram adiar algumas atividades para os meses subsequentes como adiantar outras. Neste último caso, foi observado que apresentar resultados parciais em eventos científicos não devia ser privativo do segundo ano do projeto, visto que as atividades de sistematização de resultados, sejam de revisão de literatura ou de buscas sistemáticas em repositórios variados, estava sendo bem desenvolvida e adiantar a participação em eventos científico acadêmicos seria muito produtiva para membros do projeto, sejam os alunos vinculados à pós graduação como os estudantes de Iniciação Científica.

Já a constituição da equipe completa, inicialmente prevista para o primeiro mês de execução do projeto, foi uma destas atividades que sofreram consequências pela greve na UENF, uma vez que possíveis candidatas/os às bolsas estavam afastadas/os do ambiente acadêmico. Além disso, o valor das bolsas oferecidas para iniciação científica é pouco atrativo, em relação a outras bolsas da UENF e outras Instituições de Ensino Superior da região, bem como outras opções no mercado de trabalho que foram aparecendo para os membros mais jovens. Outro fator foi a dificuldade de encontrar candidatas/os para pós-doutorado com perfil adequado às necessidades do Projeto e com dedicação exclusiva ao mesmo.

Outra atividade cuja conclusão foi adiada foi a definição definitiva dos principais conceitos e hipóteses que vão constituir o marco-teórico / metodológico, assim como a estrutura do Banco de Dados e a conclusão dos indicadores simples e compostos. Este adiamento não comprometerá a conclusão do projeto, mas indica principalmente uma falha no planejamento inicial. Foi observado que anunciar a conclusão deste objetivo, determinando neste momento hipóteses, marco teórico e principais

definições antes da conclusão dos grupos de estudo e da saída a campo poderia engessar os alicerces da pesquisa, com prejuízo posterior, se for o caso, necessitando rever objetivos que foram dados como concluídos.

Em relação à FAPUR: houve atrasos na aquisição de equipamentos necessários à execução do projeto, bem como na licitação dos veículos previstos (o que ainda nos limites deste relatório não tem acontecido).

### 3. Relações entre os parceiros do projeto

Neste período não foram estabelecidas novas parcerias formais com o Projeto.

A relação entre a FAPUR e a UENF vem se ajustando paulatinamente, sem comprometer o andamento geral do projeto.

### 4. Comunicação

No período à que se refere este relatório o Projeto foi divulgado por meio da participação em eventos científicos conforme descrito nas Atividades A6.2.1 e A.6.4.1.

Uma outra forma de comunicação utilizada neste período foi o contato direto com pessoas das comunidades pesqueiras dos municípios de abrangência do Projeto, conforme descrito no próximo item – 5. Atividades complementares.

As demais ações desenvolvidas pelo Projeto estão sendo divulgadas na página do Facebook. O site do projeto está em fase de finalização.

### 5. Atividades complementares

Nos meses de novembro e dezembro de 2017 realizamos uma rodada de campo exploratório, não prevista no cronograma original. Esta atividade ocorreu pela necessidade de integrantes da equipe conhecer presencialmente os municípios de abrangência do Projeto, identificando possíveis informantes-chave, de forma a entender as dinâmicas de pesca nestes municípios, bastante diferenciada entre um município e outro e ainda entre diferentes locais do mesmo município.

O campo exploratório envolveu diversos integrantes da equipe (coordenadora, pós-doutorandos e bolsistas de iniciação científica) de acordo com a seguinte agenda: Campos dos Goytacazes – 22/11/2017; São João da Barra – 22/11/2017; Quissamã – 23/11/2017; São Francisco de Itabapoana – 24/11/2017; Macaé – 07/12/2017; Cabo Frio – 08/12/2017; Arraial do Cabo – 08 e 09/12/2017. Esta atividade foi essencial como formação para pessoas da equipe que ainda não tinham qualquer experiência com trabalho de campo (bolsistas de iniciação científica), bem como para avaliar a necessidade de adaptação do cronograma à realidade do objeto de pesquisa. Os contatos iniciados neste campo exploratório possibilitarão também estruturar a logística da “primeira visita de campo” (Atividade A.4.1.1).

Ainda a saída de campo possibilitou a realização de fotografias de cunho etnográfico que serviu também para concorrer a um edital na categoria “Mostra Fotográfica - como Residência artística no Centro de Estudios Brasileños, da Universidade de Salamanca”, conforme explicitado na Atividade A6.2.1. O projeto encaminhado, denominado: “*Da água à mesa: o trabalho feminino na atividade pesqueira*”, retrata as atividades diversificadas que desenvolvem as mulheres da região abrangida pelo projeto no amplo território. Apesar de não ter sido selecionada, a atividade serviu como exercício coletivo de identificação, categorização e identificação semântica de fotografias, assim como de aprendizagem acadêmica, já que se concorreu atendendo formato, prazos, temas, etc. Esta atividade não demandou recursos.

## 6. Integração de Gênero

Neste item se mantém em grande parte o anunciado no Primeiro relatório Semestral. O cuidado com as relações de gênero se sustenta em vários sentidos:

1. Equipe de pesquisa: Por serem as questões de gênero objeto de estudo e análise do projeto, observar a equidade nas relações que se estabelecem entre os membros da equipe não passa despercebido aos olhos dos coordenadores e demais colaboradores. Uma das questões observadas, embora não excludente, foi selecionar um número importante de bolsistas do gênero feminino para o trabalho de campo.

2. Estudo aprofundado desta problemática que com certeza está aportando declaradamente reflexões significativas nos membros do grupo de pesquisa, especialmente nos mais jovens. Estas reflexões atingem não só às mulheres como também aos homens vinculados à pesquisa.

3. Neste período, como novidade e reflexão, pode-se considerar que o contato da equipe com as mulheres das comunidades pesqueiras que aconteceu na rodada de campo exploratória *pode ter* consequências no sentido do início de um processo de reconhecimento por parte destas mulheres acerca da importância da sua atividade laboral.

## ANEXOS

**PROGRAMA ANALÍTICO DE DISCIPLINA****IDENTIFICAÇÃO**

Código: PPS 4824	Nome: Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero		Pré-requisito XXXXX			
Centro	Laboratório					
CCH						
Duração (semanas)	Nº Créditos	Sem./Ano	Carga Horária			
17	3	2º/2017	Teóricas 51	Práticas	Extra-Classe	Total 51
Sistema de Aprovação ( X ) Média/Frequência ( ) Frequência		Professor(es) - Silvia Alicia Martínez e Luceni Helebrand (Coordenador) - Silvia Alicia Martínez				

**EMENTA**

O propósito da disciplina é apresentar uma introdução com abordagem interdisciplinar aos estudos de gênero, através de temáticas colocadas por relações de poder entre os sexos. Os textos utilizados problematizam a condição das mulheres ao longo da história. Destacam, através de conceitos, lutas e os avanços das reflexões teóricas de estudos sobre mulheres e gênero. Partem de uma introdução ao tema, passando por reflexões sobre o mundo do trabalho, relações com outros marcadores sociais (classe, raça, geração, etc.), meio ambiente e sexualidades.

Assinaturas

Coordenador da Disciplina: \_\_\_\_\_

Chefe do Laboratório: \_\_\_\_\_

Coordenador do Curso: \_\_\_\_\_

Campos dos Goytacazes 30/11/2016\_

**Página 1/3**

**PROGRAMA ANALÍTICO DE DISCIPLINA (continuação)**

Código: PPS 4824

Nome: Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (aulas teóricas)**

**Nº de Horas-Aula**

Unidade 1 - Introdução aos estudos sobre mulheres e gênero em uma perspectiva interdisciplinar.

**9**

Unidade 2 – Mundo do trabalho. Esfera produtiva e esfera reprodutiva. Público e privado. Invisibilidade do trabalho das mulheres.

**9**

Unidade 3 – Outras abordagens para pensar o feminismo. Conceito de Interseccionalidade e a relação com outros marcadores sociais. Feminismo na América Latina.

**9**

Unidade 4 – Gênero e Meio Ambiente. Relações entre mulheres e natureza. Correntes teóricas relacionadas aos estudos sobre gênero e meio ambiente. Mulheres rurais. Mulheres na pesca.

**15**

Unidade 5 – Sexualidades. Estudos de gênero. Masculinidades. Teoria Queer.

**9**

Assinatura

Coordenador da Disciplina: \_\_\_\_\_

Campos dos Goytacazes, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## PROGRAMA ANALÍTICO DE DISCIPLINA (continuação)

Código: PPS 4824

Nome: Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. A infância. In: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**: a experiência vivida, v. 2, ed. Difusão europeia do livro, 1967. Tradução Sérgio Milliet. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>>

CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200005>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>.

FEMENÍAS, María Luisa. Esboço de un feminismo latinoamericano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000100002>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995).— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995.

HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342 p.

LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012/8865>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**. No 84/85 Março/Agosto, 2000.

NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Orgs.). **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói : Alternativa, 2013. 431 p. ; 23 cm.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.

\_\_\_\_\_. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>

TORNQUIST, Camem Susana; LISBOA, Teresa Kleba; MONTYSUMA, Marcos Freire. MULHERES E MEIO AMBIENTE. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 865, jan. 2010. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000300012>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

Assinatura

Coordenador da Disciplina: \_\_\_\_\_

Campos dos Goytacazes, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Calendário:** Disciplina PPS 4824

**Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero**

**Horário:** Segunda-feira / 14:00 - 17:00h / Sala 109-C

**Responsáveis:** Silvia Alicia Martinez, Luceni Hellebrandt

Data	Texto	Apresentador(a)	Debatedor(a)
05 mar	APRESENTAÇÃO DA EMENTA E COLEGAS / REGRAS DE AVALIAÇÃO	Silvia, Luceni	
Introdução aos estudos sobre mulheres e gênero em uma perspectiva interdisciplinar. (textos 1 e 2)			
12 mar	PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: _____. <b>Os excluídos da história:</b> operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,	1 Cléa	
	ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da Equidade de Gênero no Século XXI. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 629-638, jun. 2016. ISSN 1806-9584.  FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 144 – 149  DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173 – 178.	2	
Mundo do trabalho. Esfera produtiva e esfera reprodutiva. Público e privado. Invisibilidade. (textos 3 e 4)			
19 mar	KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67 - 79  CATTANÉO, Nathalie; HIRATA, Helena. Flexibilidade. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 106 - 111  HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (o conceito de). in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 251 – 256  FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 256 – 262	3 Suelen	Fabiano
	PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. <b>Revista Ciência Hoje</b> . Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.  PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. <b>Revista Estudos Feministas</b> . Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.	4 Fabiano	Suelen
Interseccionalidade e a relação com outros marcadores sociais. (textos 5 e 6)			
		5	

26 mar	CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. <b>Revista Estudos Feministas</b> . Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.	Tarianne	Cléa
	CONRADO, Monica Prates; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, fev. 2017. ISSN 1806-9584.	6	
Feminismo Decolonial / Feminismos na América Latina. (textos 7, 8 e 9)			
02 abr	BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Feminismos Subalternos. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, out. 2017. ISSN 1806-9584	7 Fernanda	Tarianne
	FEMENÍAS, María Luisa. Esboço de un feminismo latinoamericano. <b>Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584.	8	
	CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 11-39, maio 2013. ISSN 1806-9584.	9	
Sexualidades. Estudos de gênero. Teoria Queer. (textos 10 e 11)			
09 abr	WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. <b>Revista Retratos da Escola</b> , Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.	10 Elis	
	POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. <b>Rev. Estud. Fem.</b> , Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 541-562, Aug. 2016.	11	
Masculinidades. (textos 12 e 13)			
16 abr	GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: <b>Antropologia em primeira mão</b> / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995).	12	
	CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. ISSN 1806-9584.	13	
23 abr	FERIADO (dia não letivo)		
30 abr	? PONTO FACULTATIVO? (dia letivo)		
07 mai	APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS DE TRABALHO FINAL		
Gênero e Educação (textos 14, 15, 16 e 17)			
14 mai	WERLE, FLÁVIA OBINO CORRÊA. PRÁTICAS DE GESTÃO E FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO <b>Cadernos de Pesquisa</b> , v. 35, n. 126, p.609-634, set./dez. 2005	14 Andre	
		15	

	Carolina Mafra de Sá; Walquíria Miranda Rosa. A HISTÓRIA DA FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.	Denise	
	Mogarro, Maria João & Martínez, Silvia Alicia (2010). Normalistas e meninas de asilo: Origens sociais e percursos de vida no século XIX em Portugal e no Brasil. <b>Sísifo. Revista de Ciências da Educação</b> , 11, pp. 45-54.		
21 mai	LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. <b>Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584	16	
	CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 119-136, mar. 2015. ISSN 1806-9584.	17	Fernanda
Gênero e Meio Ambiente (textos 18, 19 e 20)			
28 mai	SAMPER ERICE, Adriana; CHARÃO MARQUES, Flávia. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 683-705, maio 2017. ISSN 1806-9584	18	Hugo
	MARIEL WEINSTOCK, Ana. APORTES DEL FEMINISMO A LA LUCHA SOCIOAMBIENTAL. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 637-645, maio 2014. ISSN 1806-9584.	19	
	MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, set. 2012. ISSN 1806-9584.	20 Hugo	Denise
Gênero e Política (textos 21, 22 e 23)			
04 jun	COSTA SABINO, Maria Jordana; PINHEIRO SALES LIMA, Patrícia Verônica. Igualdade de gênero no exercício do poder. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 713-734, nov. 2015. ISSN 1806-9584.	21 Adriana	
	SPOHR, Alexandre Piffero et al. Participação Política de Mulheres na América Latina: o impacto de cotas e de lista fechada. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 417-441, jun. 2016. ISSN 1806-9584.	22	Adriana
	WOLFF, Cristina Scheibe. Pedços de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. <b>Rev. Estud. Fem.</b> , Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 975-989, Dec. 2015.	23 Aline	
Violência (textos 24, 25 e 26)			
11 jun	OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Contando estórias e inventando metodologias para discutir a violência contra as mulheres. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 195-214, maio 2014. ISSN 1806-9584	24	Miguel
	PASINATO, Wânia. Oito Anos de Lei Maria Da Penha. Entre Avanços, Obstáculos e Desafios. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 533-545, maio 2015. ISSN 1806-9584.	25 Nágila	Aline
	SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. <b>Rev. Estud. Fem.</b> , Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, Apr. 2017.	26 Anna Cássia	Nágila

Corpo e gênero – Aborto (textos 27 e 28)			
18 jun	SCAVONE, Lucila. POLÍTICAS FEMINISTAS DO ABORTO. <b>Revista Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 675-680, maio 2008. ISSN 1806-9584.	27	
	MIGUEL, Luis Felipe. Aborto e democracia. <i>Revista Estudos Feministas</i> , Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 657-672, set. 2012. ISSN 1806-9584.		
	IRRAZABAL, María Gabriela. La religión en las decisiones sobre aborto no punible en la Argentina. <b>Rev. Estud. Fem.</b> , Florianópolis , v. 23, n. 3, p. 735-759, Dec. 2015.	28	
Comunicação e tecnologias (textos 29 e 30)			
25 jun	CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. <i>Revista Estudos Feministas, Florianópolis</i> , v. 24, n. 1, p. 261-279, maio 2016. ISSN 1806-9584.	29	Andre
	LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube. <b>Rev. Estud. Fem.</b> , Florianópolis , v. 25, n. 3, p. 1359-1371, Dec. 2017.	30	Anna Cássia
25 jun	ENTREGA DO TRABALHO FINAL (última aula!)		
02 jul	X Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica		

### **Em busca da operacionalizando do Conceito de Conflito Socioambiental: síntese das principais ideias**

Apresenta-se aqui resultados preliminares onde se buscou descrever, identificar e a classificar taxonomias do conceito de conflito ambiental que poderão compor o escopo das categorias de análise que fundamentarão teoricamente a cartografia dos conflitos a ser produzida pelo Projeto Mulheres na Pesca. Não se trata de uma reapresentação do cerne do *conceito de conflito* já apresentada no primeiro relatório semestral, mas sim de avançar na compreensão da vida social pesqueira numa perspectiva feminina.

A operacionalização de um conceito, consiste em explicitar teoricamente o desenvolvimento da prática, do processo empírico de uma pesquisa, nesse sentido faz-se necessária algumas considerações. Inicialmente é relevante perceber que problemas ambientais e conflitos socioambientais não são a mesma coisa, embora seja comum eles ocorrerem de forma relacional no ambiente e afetarem de modo distinto a vida social. No caso do presente projeto envolve as pessoas denominadas como *populos tradicionais* em embate entre interesses particulares/ econômicos-industriais versus o interesse público em torno do uso dos recursos naturais. Nessa perspectiva, corrobora-se com a ideia de que “o conflito socioambiental é um conflito social que tem no acesso aos recursos naturais o seu principal objeto de disputa”. (Chaves Brito, et al, p.55- 2011).

Nesse sentido, a operacionalização do conceito depende da nossa compreensão sobre as lógicas de ação dos atores envolvidos no conflito socioambiental: como agem individualmente e como agem entre si. Por exemplo, pescadores podem entrar em conflito entre eles próprios/com seus representantes diretos (Colônia/Associação/Cooperativa/Vizinho/familiares) por questões que também envolvem outros atores, por estarem mais próximos deles, mais acessíveis como por exemplo, os *atravessadores*. Além disso, as relações de pesca e de uso do ambiente são também mediadas pela regulação governamental, expressa na figura do Estado como agente chave na mediação nessas relações. O conflito pode ganhar força quando o Estado atua mecanismo de ação para a geração de riqueza privadas e empobrecimento público.

Reconhecendo que os conflitos socioambientais ocorrem tanto no plano material como no plano simbólico, seus impactos podem ser difusos e localizados ao mesmo tempo, fazendo com que nem sempre os atores atingidos pela degradação tenham a

consciência dos efeitos dela sobre suas vidas. Existem casos, que mesmo visíveis os atingidos não associam a degradação ambiental às práticas e agentes sociais específicos, de tal maneira, nem sempre são percebidos com totalidade os efeitos nefastos à vida social como a “[...] redução da produção agrícola, migração populacional, declínio econômico, enfraquecimento das instituições e relações sociais, dentre outros, só se configurariam em conflitos socioambientais quando surgem dos desequilíbrios ambientais, em consequência de atividades antrópicas. (Chaves Brito, et al, p.53-2011).Um pressuposto importante que o autor traz ao considerar que para determinar-se um conflito como socioambiental, é impreterível, que este tenha causas sociais e ambientais associadas.

Na maior parte dos casos os conflitos estão relacionados a noção de escassez de recursos naturais em função da retirada em larga escala/industrial, ou por consequência dessas atividades. Mas não somente a partir da escassez dos recursos, mas também, pelo uso destes que também podem gerar a escassez. Desta maneira é preciso atentar-se aos tipos de recursos naturais envolvidos, de forma a identificar a estrutura que dispõe os agentes envolvidos – pescadores e pescadoras e suas famílias- para viver a situação que investigamos e buscamos identificar os conflitos como: i) Capital Cultural; ii) Capital Material/Econômico. Sendo os conflitos fenômenos resultantes também de ações no campo político, social, econômico, cultural e jurídico.

### **O conceito de Racismo Ambiental e o Projeto Mulheres na Pesca**

A bibliografia indicada e a nossa experiência neste Projeto nos orientam sobre as seguintes constatações sobre a questão do *racismo ambiental*, diz respeito ao embate simbólico/étnico que intermedia a construção da realidade material, e conseqüentemente a produção das ações exercidas sobre o ambiente humano e natural e também a própria produção das políticas públicas. Esse conceito de certa maneira apresenta-se como um desdobramento do próprio conceito de conflito socioambiental, como uma face desde último, pois, em muitos casos envolvem populações denominadas como tradicionais que possuem características étnicas culturais específicas, exóticas para o Estado de Direito que é um produto da estrutura do pensamento/da cultura branca-ocidental. Algo que nos indica a necessidade de reconhecermos as especificidades do público pesqueiro, em especial as mulheres.

Dessa forma, quando nos aproximamos do público alvo do Projeto Mulheres na Pesca, por se tratar de pessoas com um perfil muito específico: baixa escolarização/ menor acesso aos capitais culturais valorizados em nossa sociedade capitalista, grupos sociais classificados como *tradicionais* faz-se necessária metodologias de aproximação que estejam afinadas a esse contexto. Tal cautela também será necessária no momento da escrita dos produtos, relatórios e textos problematizar essa questão de tratar-se de grupos humanos classificados como “comunidades tradicionais”, entendendo o que isso pode implicar nas práticas sociais que afetam a vida dessas pessoas, os efeitos dessa classificação que é política e também cultural. Ao mesmo tempo em que ela induza criação de políticas públicas focalizadas, também induz o contrário em relação ao mercado, pois, o termo *tradicional* remete simbolicamente como *algo não-moderno*, e assim pode colocar em evidência as perspectivas etnocêntricas que estão por detrás dessa nomenclatura. O tradicional como algo a ser modernizado ou sucumbido. São estas lógicas culturais em disputa que instituem a dimensão cultural no campo dos conflitos socioambientais: “lutas em torno de formas diferenciadas de apropriação e uso de materiais territorializados, ancorados em significados também diversos atribuídos a estes mesmos recursos” (VIÉGAS, p.153, 2009).

A questão do racismo ambiental no caso brasileiro assume também uma dimensão de classe social, por exemplo, é comum as tragédias e outros danos terríveis de natureza ambiental atingem predominantemente pessoas em situação de pobreza, ou mais vulneráveis as ações de modernização do Mercado. Essa dimensão cultural gera uma naturalização da catástrofe ambiental da qual essas comunidades são submetidas como algo inevitável, acidental, tornando essas pessoas *vitimas de tragédias, de crises*, cada vez mais dependentes das políticas públicas como destinadas aos “vulneráveis”. Enfim, sendo a realidade material a expressão concreta de relações que se estabelecem no plano simbólico, pode se considerar que a incorporação da dimensão cultural na discussão das relações humanas contemporâneas, particularmente a questão do “conflito ambiental” como uma questão que não é meramente técnica, “é política e simbólica”. (VIÉGAS, 2009, p.151).

A noção de racismo ambiental remonta as diferenças raciais e a desigualdade de posição social e de tratamento histórica, que produziu a separação espacial e a desigualdade de direitos entre colonizadores e colonizados, entre conquistadores e conquistados, entre senhores e escravos e, mais tarde, entre os descendentes destes grupos incorporados num mesmo Estado nacional” (COELHO, CARPES, pág.169,

2015). Também, considerando nosso contexto histórico, muitas das populações que hoje denominamos por *tradicionais*, inclusive povos indígenas, ocupam áreas decorrentes de processos de fuga da escravização. E neste sentido, após a abolição da escravatura, em 1888, a dualidade de tratamento entre brancos e negros é estendida ao sistema de clientelismo e colonato, que substitui a escravidão (COELHO, CARPES, pág.170, 2015)”. Nesse ponto de vista podemos conceber o clientelismo como um sistema de escravidão por dívida, onde as populações descendentes de índios e escravos estão sujeitas as regras de um mercado excludente e produtor de populações marginais. Sendo que, as liberdades e os direitos constitucionalmente declarados a todas as pessoas não foram garantidos nas práticas políticas/sociais, predominando políticas de discriminação e a desigualdade de tratamento e no acesso as oportunidades. Essa constatação apresenta-se mais complexa quando consideramos a influência do Estado na produção retórica de discursos legitimadores dos empreendimentos ligados a emergência dos conflitos e tragédias ambientais contemporâneas.

“As elites rejeitaram o racismo, transformando-o em não racismo e a miscigenação cultural e biológica, em ideais nacionais para a integração de todos os indivíduos no Estado-nação. Os brancos, no Brasil, foram definidos de modo a abarcar todos os mestiços mais próximos das características somáticas europeias e todos que usufruem dos privilégios da cidadania. (COELHO, CARPES, pág.170, 2015)”.

No Brasil onde a situação é ecológica, social e culturalmente distinta da dos países centrais, EUA principalmente no que se refere ao modo como as populações nativas veem na natureza<sup>1</sup>. Segundo a lógica urbano-ocidental o homem seria “um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma “proteção total”. ” (DIEGUES, 1995, p. 165). No Brasil, ao contrário, existem nas florestas tropicais e muitas em muitas outras áreas aparentemente vazias demograficamente populações já instaladas como indígenas, ribeirinhas, extrativistas, de pescadores artesanais, *portadores de uma outra cultura* (denominada como tradicional) onde as relações com o mundo natural são diferentes daquelas afirmadas nas sociedades urbano-industriais. Essas questões expressam-se em

---

<sup>1</sup> A imposição de neo-mitos (a natureza selvagem intocada) e de espaços públicos sobre os espaços dos "comunitários" e sobre os mitos bioantropomórficos (o homem como parte da natureza) tem gerado conflitos graves. Em muitos casos, eles têm acarretado a expulsão dos moradores tradicionais de seus territórios ancestrais, como exige a legislação referente às unidades de conservação restritivas. Na maioria das vezes, essas leis restringem o exercício das atividades tradicionais de extrativismo, caça e pesca dentro das áreas protegidas.(DIEGUES, 1995).

incongruências conflitantes na própria legislação brasileira que, por exemplo, cria os parques e prevê, como nos Estados Unidos, a transferência dos moradores dessas áreas, causando uma série de problemas de caráter ético, social, econômico, político e cultural. ” (DIEGUES, 1995).

Tratam-se de populações que, devido ao relativo isolamento geográfico desenvolveram modos de vida particulares bastante dependentes dos ciclos naturais, ao invés do *mercado*, desenvolveram formas de conhecimento profundo dos próprios ciclos biológicos e do modo como são gestados pelo próprio ambiente os recursos naturais, desenvolveram tecnologias na relação com a natureza que são expressas por linguagens específicas que se expressam em fonemas/sotaques e inúmeras palavras de origem cultural indígena e negra (DIEGUES, 1995).

Enfim, a ideia de racismo ambiental diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico, cujo alvo são grupos sociais com características étnicas próprias, bem como sobre todo grupo de populações denominadas como tradicionais e em geral, relaciona-se à grandes empreendimentos desenvolvimentistas tais como barragens, monoculturas, rodovias, portos, extração de petróleo, entre outras.

## Referências

ALVES, M. F. P. ; WALTER, T. . Caminhos das Comunidades Tradicionais: Uma análise de São Lourenço do Sul/RS.. In: II Seminário de História e Patrimônio: Diálogos e Perspectivas, 2014, Rio Grande/RS. **Anais Eletrônicos do II Seminário de História e Patrimônio: Diálogo e Perspectivas**. Rio Grande/RS: FURG, 2014. v. 1. p. 297-312.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de Uma Teoria da Prática**: precedido de três estudos da etnologia Cabila. Oeiras, Celta Editora, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

CARNEIRO FILHO, Arnaldo. SOUZA, Oswaldo Braga de. **Atlas de pressões e ameaças às terras indígenas na Amazônia brasileira**. -- São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009.

CHAVES BRITO, D.M. Et al. **Conflitos socioambientais no século XXI**. PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP Macapá, n. 4, p. 51-58, dez. 2011.

COELHO, Helena Carvalho; CARPES, Lorena Ferreira (2015). A Teoria da Injustiça Ambiental como Ocultamento da Ocorrência do Racismo Ambiental na Sociedade Brasileira. Pag 165-182. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 19, p. 145-157, jan/jun, 2009.

COSTA, M. da (1994). Crise do Estado e crise da educação: influência neoliberal e reforma educacional. **Educação e Sociedade**. 49 (15), 501-523. [ [Links](#) ]

DI CIOMMO, R. C. ; SCHIAVETTI, A. Women participation in the management of a Marine Protected Area in Brazil. **Ocean&CoastalManagement** , v. 62, p. 15-23, 2012.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 11-12.

GUIMARÃES, Roberto Pereira; FEICHAS, Suzana A. Q. **Ambiente & Sociedade.Campinas** v. XII, n. 2, p. 307-323. jul.-dez. 2009

HELLEBRANDT, L. M. ; Rial, Carmen ; LEITÃO, M. R. F. A. . PESCA E GÊNERO: RECONHECIMENTO LEGAL E. **Vivencia (UFRN)** , v. 47, p. 123, 2016.

HIRATA, Helena. Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

LEITÃO, M. R. F. A. ; PEREIRA, A. G. . **Desigualdades de Gênero e Poder na Pesca Artesanal** - Brasil. 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

RODRIGUES, A. C. ; MAFRA, R. L. M. ; OLIVEIRA, M. L. R. . Perspectivas teóricas dos conflitos socioambientais no campo do desenvolvimento. *Revista UNIARA* , v. 16, p. 137-146, 2013.

TIMÓTEO, Geraldo M. **Educação ambiental com participação popular** avançando na gestão democrática do ambiente. Campos dos Goytacazes, RJ : FUNDENOR, 2016. 1 recurso online (243 p.).

VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas. **Revista A pesca artesanal na terra de todas as paisagens: Um pouco de sua história..** Agência Yaih - Seção Espaço FURG, São Lourenço do Sul/RS, p. 1 - 1, 30 ago. 2016.

WALTER, T. ; WILKINSON, J. ; Silva, P.A. . A análise da cadeia produtiva dos catados como subsídio à gestão costeira: as ameaças ao trabalho das mulheres nos estuários e manguezais do Brasil.. **Revista de Gestão Costeira Integrada** , v. 12, p. 483-497, 2012.

Anexo D

<b>Projeto: Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas</b>	Data: 02/02/2018	Ata: 01
Presentes: Cíntia Bach, Joseane Souza, Marcelo Carlos Gantos, Roberto Dutra e Silvia Alicia Martinez	Local: UENF/CCH/Sala 101	
Pauta: Seleção de bolsistas para atuar no Projeto. Análise Documental e entrevistas dos/as candidatos/as à bolsas de Iniciação Científica, e Pós- Doutorado, referente ao edital 03.		
<p>Ata:</p> <p>A banca examinadora do processo de seleção a cargo de bolsistas de Iniciação Científica, e Pós-Doutorado tiveram abertura no dia 30/01/2018, quando se reuniu para a análise documental dos/as candidatos/as. Compuseram a banca: Cíntia Bach e Silvia Alicia Martínez. A análise teve como base a verificação dos currículos, da titulação (para bolsistas de pós-doutorado) e da coerência dos planos de trabalho propostos com o escopo da pesquisa, com o objetivo de verificar se os/as mesmos/as se apropriaram do resumo do projeto anexo 1 do edital.</p> <p>Foram oferecidas cinco (05) vagas para IC, com dois (02) perfis distintos e uma (01) vaga de Pós-doutorado com o intuito de abranger todas as análises necessárias para a pesquisa.</p> <p>Foram inscritos/as doze (12) candidatos (as) de Iniciação Científica e cinco (05) candidatos (as) para Pós-Doutorado. Neste momento, foram verificados quais dentre os/as inscritos/as atendiam aos requisitos do edital. Concluindo que dois (2) candidatos/as de IC - Amanda Rodrigues Rocha e Tiago Silva de Oliveira, e um (1) candidato (a) de Pós-doutorado - Adrian Ribaric, foram desclassificados por não encaminhar/apresentar a documentação completa para inscrição solicitada no Edital. Foram convocados/as para segunda etapa: entrevistas.</p> <p>Candidatos(as) inscritos IC/ Perfil I:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Diana de Sales Glória Silva</li> <li>2. Pedro Henrique Bonfim Leal</li> </ol> <p>Candidatos(as) inscritos IC/ Perfil II:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Amanda Rodrigues Rocha</li> <li>2. Braulio da Paz Fontes</li> <li>3. Fabiano Motta Vasconcelos Portal Chagas</li> <li>4. Jessica Silva de Almeida</li> <li>5. José Roberto de Almeida Dias Filho</li> <li>6. Marcela Ribeiro da Silva</li> <li>7. Paloma Silva de Oliveira Martins</li> <li>8. Poliana Romero Miller</li> <li>9. Pollyanna Paes Guimarães Braz</li> <li>10. Tiago Silva de Oliveira</li> </ol> <p>Candidatos(as) inscritos Pós-Doutorado:</p>		

1. Adrian Ribaric
2. Eduardo da Silva Gigliotti
3. Rodrigo Pennutt da Cruz
4. Vera de Fátima Maciel Lopes
5. Victor Cesar Torres de Mello Rangel

Candidatos(as) aprovados para a segunda etapa:

IC/PERFIL I:

1. Diana de Sales Glória Silva
2. Pedro Henrique Bonfim Leal

Candidatos(as) aprovados para a segunda etapa:

IC/PERFILII:

1. Braulio da Paz Fontes
2. Fabiano Motta Vasconcelos Portal Chagas
3. Jessica Silva de Almeida
4. José Roberto de Almeida Dias Filho
5. Marcela Ribeiro da Silva
6. Paloma Silva de Oliveira Martins
7. Poliana Romero Miller
8. Pollyanna Paes Guimarães Braz

Candidatos(as) aprovados para a segunda etapa:

Pós-doutorado:

1. Eduardo da Silva Gigliotti
2. Rodrigo Pennutt da Cruz
3. Vera de Fátima Maciel Lopes
4. Victor Cesar Torres de Mello Rangel

Para a segunda fase a banca se dividiu em três, considerando a especificidade para cada tipo de bolsa. Desta forma, no dia 02/02/2018, Cíntia Bach realizou as entrevistas dos/as candidatos/as de IC/ Perfil I, buscando conhecer o interesse dos(as) mesmos(as) para se integrar ao projeto, como as ações propostas em seus planos de trabalho se integram à pesquisa e a expectativa solicitada para preencher os perfis necessários. Finalizadas as entrevistas, definindo os(as) aprovados(as) em ordem de classificação:

1. Diana de Sales Glória Silva	Convocada
2. Pedro Henrique Bonfim Leal	Convocado

Da mesma forma se deu o processo para a seleção para bolsista de IC/perfil II, com a diferença da banca examinadora que foi composta por Joseane de Souza e Roberto Dutra. Finalizadas as entrevistas, os dois membros da banca fizeram uma análise global dos documentos e perfis dos/as candidatos/as, definindo que o candidato Thiago Silva de Oliveira foi desclassificado, pois não compareceu à entrevista, e Jéssica Silva de Almeida também foi desclassificada, pois não possuía aderência do perfil de formação ao projeto; bem como não possui nenhuma experiência de pesquisa de campo, além de não possuir habilidade com o software *SPSS- Statistical Package for the Social Sciences*, definindo então, os(as) aprovados(as) em ordem de classificação:

1. Bráulio da Paz Fontes	Convocado
2. Pollyanna Paes Guimarães Braz	Convocada
3. Marcela Ribeiro da Silva	Convocada
4. Poliana Romero Miller	Aprovada- Lista de espera
5. Fabiano Motta Vasconcelos Portal Chagas	Aprovada- Lista de espera
6. Paloma Silva de Oliveira Martins	Aprovado- Lista de espera

Marcelo Carlos Gantos e Silvia Alicia Martínez realizaram as entrevistas dos/as candidatos/as para Pós-Doutorado. Finalizadas as entrevistas, os dois membros da banca fizeram uma análise global dos documentos e perfis dos/as candidatos/as, definindo que Rodrigo Pennutt da Cruz foi desclassificado por não atender aos requisitos previstos no edital. Os(as) aprovados(as) em ordem de classificação:

Victor Cesar Torres de Mello Rangel	Convocado
Vera de Fátima Maciel Lopes	Aprovada- Lista de espera
Eduardo da Silva Gigliotti	Aprovado- Lista de espera

Em conclusão, por meio desta seleção foram aprovados e convocados 5 (cinco) candidatos(as) de Iniciação Científica e 1 (um) de Pós-Doutorado. O resultado final será divulgado nos mesmos endereços de divulgação do edital no dia 05/02/2018.

Lavrou esta ata Cíntia Bach

---

Silvia Alicia Martinez  
Coordenadora

# Disciplina PPS 4824

## Introdução interdisciplinar aos estudos sobre mulheres e gênero

Luceni Hellebrandt

2017

# Conteúdo programático

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (aulas teóricas)	Nº de Horas-Aula
Unidade 1 - Introdução aos estudos sobre mulheres e gênero em uma perspectiva interdisciplinar.	9
Unidade 2 – Mundo do trabalho. Esfera produtiva e esfera reprodutiva. Público e privado. Invisibilidade do trabalho das mulheres.	9
Unidade 3 – Outras abordagens para pensar o feminismo. Conceito de Interseccionalidade e a relação com outros marcadores sociais. Feminismo na América Latina.	9
Unidade 4 – Gênero e Meio Ambiente. Relações entre mulheres e natureza. Correntes teóricas relacionadas aos estudos sobre gênero e meio ambiente. Mulheres rurais. Mulheres na pesca.	15
Unidade 5 – Sexualidades. Estudos de gênero. Masculinidades. Teoria Queer.	9



# Atividades propostas

- Leitura geral, de acordo com os textos da ementa;  
Discussão geral
- Leitura direcionada (Gênero e Pesca – textos em Português).  
Preencher e apresentar no grupo o roteiro sobre o texto

## Cronograma / segunda-feira 14:00h – sala?

Data	Un	Tema	Texto(s)
06/11	1	Introdução	WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. <b>Revista Retratos da Escola</b> , Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015. (1ª parte)
13/11	1	Introdução	PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: _____. <b>Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros</b> . Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988, SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. <b>Educação e Realidade</b> , Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.
27/11	2	Trabalho, público X privado	HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) <b>Dicionário Crítico do Feminismo</b> . São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342 p. (conceitos selecionados) PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. <b>Revista Ciência Hoje</b> . Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70. _____. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. <b>Estudos Feministas</b> . Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.
04/12	3	Interseccionalidade + Fem.LatinoAmericano	CRENSHAW, Kimberle. <b>A Interseccionalidade da discriminação de raça e gênero</b> . FEMENÍAS, María Luisa. Esboço de un feminismo latinoamericano. <b>Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584
11/12	4	Meio ambiente	CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. <b>Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584. <b>Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos</b> / Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (Organizadoras). – Niterói : Alternativa, 2013. 431 p. ; 23 cm. (Selecionar) MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. <b>Proposta</b> . No 84/85 Março/Agosto, 2000.
18/12	5	Sexualidades	GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: <b>Antropologia em primeira mão</b> / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995) LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. <b>Estudos Feministas</b> , Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584



# Unidade I - Introdução

- ☐ mulher / mulheres / gênero;
- ☐ movimentos feministas;
- ☐ conceito de patriarcado

06 - Novembro - 2017



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Apresentação das noções de sexo, mulher e mulheres, mostrando como surgem os debates da categoria gênero. (resumo p. 29)
- Três categorias teóricas principais, três tipos de fenômenos que não devem ser confundidos, embora se relacionem intimamente:
  - Sexo;
  - Gênero;
  - Sexualidade.



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- 1. O sexo, que normalmente se refere a características físicas e biológicas dos corpos que, na nossa sociedade, são classificados em machos (associados aos homens), fêmeas (associados às mulheres) e intersex (antigamente chamados de hermafroditas).
- 2. O gênero, que se refere aos aspectos culturais, históricos e sociais de como se classificaram as pessoas a partir das diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1990) e que categoriza as pessoas como femininas ou masculinas (cisgêneros), transgêneros (trans-homem, trans- -mulher) ou não binárias e que também se relaciona com o que tem sido chamado de “expressão” ou “papel” sexual, ou seja, como as pessoas performatizam ou representam seu gênero.
- 3. A sexualidade ou orientação sexual, que se refere às práticas sexuais das pessoas, seja orientada para pessoas do sexo oposto (heterossexuais), para pessoas do mesmo sexo (homossexuais), para ambos (bissexuais), para pessoas trans (omni/ pansexuais) ou para nenhum (assexuais). Essas três classificações podem se cruzar de formas variadas. (p. 30)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Exemplo (três categorias teóricas principais, três tipos de fenômenos que não devem ser confundidos, embora se relacionem intimamente):
- As normas da sociedade ocidental contemporânea, embora estejam em constante transformação, ainda criam a expectativa de que uma pessoa que nasceu com características físicas e biológicas reconhecidas como “fêmea”, comporte-se de maneira “feminina” e tenha desejo sexual por “homens” e aqueles que, por sua vez, tenham nascido com características físicas de “macho”, comportem-se de maneira “masculina” e tenham desejo sexual por “mulheres”. Mas tudo pode ser diferente, exemplos não faltam. (p. 30)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Feminismo, sexo e gênero
- Os estudos sobre mulheres e gênero se iniciaram a partir de demandas da sociedade.
- A partir das lutas das mulheres por reconhecimento de sua cidadania e por direitos e educação que se iniciaram, com mais regularidade, os estudos que enfocavam esse novo sujeito social: na época, “a mulher” ou “o segundo sexo”.
- Na segunda metade do século XIX que surgiu com maior força o movimento social designado pelo título de feminismo, e que tinha como principal reivindicação o voto para as mulheres, sendo por isso também chamado de “sufragismo”.
- Esse movimento chamou a atenção para as mulheres como sujeitos sociais, iniciando uma discussão política que até hoje é bastante importante. (p. 31)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Feminismo, sexo e gênero
- Para além do voto, outra grande reivindicação das mulheres foi o direito à educação. E, ao longo da primeira metade do século XX, os progressos nesta área foram muitos, incluindo o acesso de mulheres a carreiras antes totalmente interditadas a elas, como a medicina, o direito, entre outras.
- Em 1949 “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir. Tendo sido escrita por uma mulher, que tinha conexões muito importantes na academia francesa, essa obra tornou-se um baluarte para o feminismo, na medida em que legitimava, por um lado, as reivindicações que eram sustentadas por grupos de reflexão e por organizações e, por outro lado, também colocava em palavras e conceitos muitos dos discursos que fundamentavam o feminismo. (p. 32)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Feminismo, sexo e gênero
- A partir do m dos anos 1960, que aparece no cenário político um novo feminismo, o chamado feminismo de segunda onda. Novas reivindicações e novas formas de organização. As novas palavras de ordem eram (e ainda são): “salário igual para trabalho igual”, “o privado é político”, “nosso corpo nos pertence”.
- As mulheres sempre trabalharam, especialmente em tarefas ligadas a casa e à agricultura, mas também nas fábricas, no artesanato. Se formos olhar, a vida da maioria das mulheres no passado, assim como da maioria dos homens, foram vidas marcadas pelo trabalho.
- Agora, o que se estava reivindicando era o reconhecimento deste trabalho.
- “o privado é político” e “Nosso corpo nos pertence” (p. 32)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

□ Sexo

□ A primeira categoria usada para os estudos que envolvem as diferenças entre mulheres e homens na sociedade foi “sexo”. A subordinação das mulheres era atribuída a seu sexo, que por sua vez era uma diferença considerada natural. Os argumentos mais usados eram, e até hoje são (!!!), que as mulheres, por terem menor força física, dependeriam do trabalho dos homens para sobreviver, e, além disso, como elas teriam seu destino marcado pela maternidade, isso também as tornaria dependentes dos homens. (p. 33)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- Mulher
- Como se tratava de falar de sexo, o sujeito do feminismo neste momento era incontestavelmente “a mulher”. Usava-se o termo Mulher como contraposição ao Homem, que era tido como sujeito universal. (p. 33)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

□ Mulheres

- Na medida, porém, em que o próprio movimento feminista vai sendo questionado e ampliado, surgem questões a essa categoria. O movimento de mulheres negras, por exemplo, nos Estados Unidos e logo também nos países da América Latina, mulheres de periferia, indígenas e outras vão questionar essa sujeita, essa “A Mulher” e chamar a atenção para a diversidade das mulheres e, mais recentemente, ou seja, a partir dos anos 1990, para a interseccionalidade entre várias formas de dominação: classe, raça, gênero, geração. (CRENSHAW, 2012).
- A partir desse momento e dessa discussão, tanto os movimentos quanto os trabalhos acadêmicos procuram utilizar preferencialmente o termo mulheres, que indica essa diversidade no próprio sujeito do feminismo e objeto de estudos. (p. 34)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

□ Gênero

□ 1968 - Robert Stoller; anos 1980 - Gayle Rubin; No Brasil, a categoria gênero ficou conhecida principalmente após a publicação do artigo da historiadora Joan Scott, "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", em 1990, na revista Educação e Realidade.

□ [...] O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (1990, p.86) (p. 35)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

□ A partir do que ela diz e de outras discussões posteriores, consideramos que, quando falamos em gênero, devemos nos concentrar em alguns aspectos principais:

1. O gênero faz parte das relações sociais, assim como classe, raça, geração e outras categorias. Ele não pretende ser o único aspecto significativo das relações sociais, mas também não pode ser ignorado como um importante aspecto na configuração das sociedades contemporâneas e passadas.

2. O gênero é construção, ou seja, ele não é algo que venha da natureza, ele não está pré-determinado quando a pessoa nasce, embora haja expectativas sociais que relacionam o gênero ao sexo.

3. O gênero está relacionado à cultura, à história e à forma social, ou seja, os aspectos que são considerados femininos, masculinos ou mesmo neutros, dependem de cada cultura, de cada sociedade e do tempo histórico e, portanto, podem ser modificados, transformados, repensados. (p. 35)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

4. Não se deve falar “os gêneros”, como se fosse equivalente a “os sexos”, pois não há “um gênero masculino” por si só, ou um “feminino”, mas um sistema relacional de classificação social e cultural no qual certos comportamentos e características, roupas, maneiras, atividades, são consideradas femininas, masculinas ou neutras, dependendo de onde e quando estamos nos referindo.

5. Gênero é poder, é hierarquia. As sociedades estabelecem lugares sociais que são demarcados em termos de gênero, classe, raça, geração, religião, entre outros. Mas o gênero tem sido, nas sociedades que conhecemos, o primeiro desses critérios, aquele que estabelece, desde que a pessoa nasce e é identificada a partir de características sexuais com papéis esperados de gênero, que atividades ela poderá exercer em sua vida, e quanto poder terá em suas relações. (p. 36)



WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

- A categoria gênero nasceu do esforço de se criar uma epistemologia feminista, capaz de possibilitar a análise social compreendendo a questão da subordinação das mulheres e fazendo possível a sua transformação. Mas isso não quer dizer que o sujeito do feminismo tenha deixado de ser “as mulheres”. Sobre isso a filósofa Judith Butler (2003) tem toda uma reflexão e os vários feminismos atuais têm se questionado bastante. O gênero trouxe para a discussão feminista, e para as ciências humanas e sociais em geral, uma dimensão relacional, que implicou, por exemplo, no surgimento de um campo novo, o das masculinidades. Afinal, não são só as mulheres que se tornam mulheres a partir do gênero, mas os homens também se tornam homens. (p. 36)



DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173 - 178

- O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. (p. 173)



## textos de apoio

- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 144 - 149
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173 - 178



# Unidade I - Introdução

- uma outra história – as mulheres na história;
- poder / poderes - espaços públicos e privados;
- divisão sexual do trabalho / uso do tempo;
- espaços de sociabilidade;
- guardiãs da memória;
- gênero como categoria de análise

13 - Novembro - 2017



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- Perrot propõe uma outra forma de escrever a história:
- “O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculino.” (p. 185)
- “As Mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contra a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra.  
Uma outra história.” (p. 212)

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

□ “Na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres.” (p. 184)

□ “Se elas não têm o poder, as Mulheres têm, diz-se poderes.” (p. 167)

Poder público (Estado) – Masculino X Poderes difusos, “influências”, privado – Mulheres.

□ “Poder social” (p. 172)

Crítica a uma historiografia que fala de mulheres, mas que “também tem seus riscos, suas fraquezas. É sistemático e dicotômico demais. Reforça a tese do ‘poder social’ das mulheres, sustentada por quem tem a intenção de mantê-lo lá. Já que as mulheres têm tais poderes, o que elas reivindicam?

Assim, a análise do poder das mulheres também é um jogo de poder.” (p. 172)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- ❑ “O que nos interessa é a constituição de um espaço político, em larga medida inseparável do público, com uma dupla exclusão: os proletários e as mulheres.” (p. 177)
- ❑ “Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos. As mulheres não seriam ‘indivíduos’? [...] Única justificativa: argumentar sobre a diferença dos sexos. É por isso que esse velho discurso retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas espécies com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.” (p. 177)
- ❑ “O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis.” (p. 178)
- ❑ “A economia política reforça essa visão das coisas, ao distinguir produção, reprodução e consumo. O homem assume a primeira e a mulher o terceiro, e cooperam na segunda.” (p. 178)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- “Primeiramente, nem todo o público é o ‘politico’, nem todo o público é masculino. A presença de mulheres, tão forte na rua do século XVIII, persiste na cidade do século XIX, onde elas mantêm circulações do passado, cercam espaços mistos, constituem espaços próprios. Por outro lado, nem todo o privado é feminino. Na família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato.” (p. 180)
- “A fronteira entre público e privado é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro-espaço doméstico.” (p. 180)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- “Os trabalhos domésticos não são apanágio exclusivo das mulheres, e os homens podem ajudar; por exemplo, a preparação de certos alimentos fica a cargo deles. A indústria têxtil a domicílio teria aumentado essa fluidez: testemunhos e imagens mostram-nos trocas de papel, o homem a cozinhar ou a varrer, a mulher a acabar a sua peça. A unidade de lugar associando domicílio e trabalho, produção e consumo num mesmo espaço, é favorável a essa alternância, aliás limitada. Por outro lado, o chefe da casa é o homem. O ‘dono-de-casa’ – o termo aparece no século XVI – designa o chefe dessa empresa que é o espaço doméstico.” (p. 189)
- “A dona-de-casa herda suas funções. A novidade de sua posição no século XIX reside na acentuação da divisão do trabalho e na separação dos locais de produção e consumo. O homem na fábrica, a mulher em casa, ocupando-se do doméstico.” (p. 190)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

□ “Seu trabalho não é remunerado (considera-se que o é com o trabalho do pai de família). Ela não tem acesso ao dinheiro, a não ser pelos serviços miúdos que sempre se esforça em fazer caber dentro dos interstícios de tempo que lhe deixa a família.” (p. 190)

□ “serviços miúdos”

“atividades comerciais [...] para completar o orçamento da família ou lhe proporcionar alguns pequenos prazeres, ou que economizam para os dias difíceis que vêm periodicamente com os meses parados. Em tempos de crise ou de Guerra, essa contribuição marginal se torna essencial. [...] Há uma vivência das crises e das guerras diferente para cada um dos sexos. Um tempo econômico diferente.” (p. 190)

□ “Tempo picotado”

“O ‘trabalho doméstico’ não é ‘fazer faxina’ por dia, mas fazer suas compras, preparar as refeições – cozinhar é um meio de aproveitar matérias-primas baratas e duras -, ocupar-se da roupa, cuidar das crianças. Assim se desenha o tempo das mulheres – um tempo picotado, mas variado e relativamente autônomo, no pólo oposto ao do tempo industrial – e seu espaço: não o ‘interior’ da casa, que para elas ainda não existe, mas o exterior.” (p.200)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- ☐ 3 Funções da dona-de-casa (p. 214)
- ☐ Dar à luz e criar filhos;
- ☐ Manutenção da família, os “trabalhos domésticos”;
- ☐ Recursos monetários, marginais em períodos normais, vitais em períodos de crise.



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- O lavadouro / espaços de sociabilidade:
- “o lavadouro é para elas muito mais do que um lugar funcional onde se lava a roupa: um centro de encontro onde se trocam as novidades do bairro, os bons endereços, receitas e remédios, informações de todos os tipos. [...] os lavadouros são também uma sociedade aberta de assistência mútua.” (p. 203)
- “Os lavadouros são locais de feminismo prático.” (p. 203)
- “O lavadouro é um espaço de liberdade que pode se prestart a uma organização cooperativa.” (p. 229)



PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988,

- Guardiãs da memória (p. 210):
- “E os pesquisadores de história oral conhecem por experiência própria a diferença entre a relação dos homens e das mulheres com o seu passado: homens mudos, que esqueceram quase tudo o que não tem ligação com a vida do trabalho; mulheres faladoras, a quem basta apenas deixar vir a onda de lembranças, por pouco que se as interrogue a sós: o homem habituou-se demais a impor silêncio às mulheres, a rebaixar suas conversas ao nível da tagarelice, para que elas ousem falar em sua presença.” (p. 207)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “utilizar a palavra ‘gênero’ [...] como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos.” (p. 2)
- “No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado.” (p. 3)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “não só [...] uma nova história das mulheres, mas [...] uma nova história .” (p. 4)
- “A maneira como esta nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Aqui as analogias com a classe e a raça eram explícitas; com efeito, as(os) pesquisadoras(es) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mais global, recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história.
- [...] O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do (a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos.



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- A ladainha “classe, raça e gênero” sugere uma paridade entre os três termos que na realidade não existe.

[...] quando mencionamos a “classe”, trabalhamos com ou contra uma série de definições que no caso do Marxismo implica uma idéia de causalidade econômica e uma visão do caminho pelo qual a história avançou dialeticamente. Não existe este tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. No caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos.” (p. 4)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado [...]. O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise.” (p. 5)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “No seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. [...] o uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. [...] Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980.” (p. 6)
- ““Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. [...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. [...] O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.” (p. 7)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.” (p. 19)
- “Para fazer surgir o sentido temos que tratar do sujeito individual tanto quanto da organização social e articular a natureza das suas interrelações, pois ambos têm uma importância crucial para compreender como funciona o gênero e como se dá a mudança. Enfim, precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelo discurso nos “campos de forças” (p. 20)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (p. 21)
  
- “Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si:
  - - Símbolos;
  - - Conceitos normativos;
  - - Incluir o político;
  - - Identidade subjetiva. (p. 21 e 22)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. ” (p. 23)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “A alta política, ela mesma, é um conceito de gênero porque estabelece a sua importância decisiva de seu poder público, as razões de ser e a realidade da existência da sua autoridade superior, precisamente graças à exclusão das mulheres do seu funcionamento. O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro.” (p. 27)



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

- “Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como é que as coisas mudam?” (p. 27)
- “São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.” (p. 28)



## texto de apoio

- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. 160p.



# Unidade II – Mundo do trabalho

- Trabalho leve /trabalho pesado;
- Trabalho familiar;
- Trabalho produtivo /trabalho reprodutivo;
- Divisão sexual do trabalho

27 - Novembro - 2017



PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.

- O pagamento desse trabalho “leve” e moroso, que exige habilidade e paciência, é ínfimo.
- Pagando por produção, os proprietários evitam remunerar o tempo que as mulheres gastam com os filhos.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.

- Explicação dada por quase todas as fazendeiras para esse fato: elas trabalham bastante, não fazem questão de registro, não dão queixa na Justiça, concordam em receber menos por jornada. O sustento da casa cabe ao marido, a mulher não precisa trabalhar o ano todo. Emprega-se apenas para “ajudar em casa”, ganha só “um dinheirinho a mais”. Uma vez que não faz serviço pesado - como levantar cerca ou cuidar do gado -, recebe 75% da diária masculina. Poder-se-ia pensar que mulheres e crianças desempenham certas tarefas porque, de fato, estas são “leves” por sua própria natureza. Mas não é bem assim. Na verdade, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil. Importa destacar que essa classificação está associada a diferentes remunerações: maior para o trabalho “pesado”, menor para o “leve”, mesmo que ambos demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por um tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requeridas pelo outro. O que determina o valor da diária é, em suma, o sexo de quem a recebe.

□

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.

- A lida da cana é considerada tão penosa que só se dedicam a ela – além dos homens, evidentemente – mulheres sozinhas, isto é, mulheres chefes de família, mães solteiras, separadas, abandonadas ou com marido doente.
- Trabalho “leve” e “pesado” são, portanto, categorias que variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra nas várias regiões agrícolas. Invariável é a convicção de que o trabalho feminino é mais barato.
- Sob a hegemonia do fumo, principalmente durante os meses de colheita, tudo mais passa a segundo plano: casa, escola, culturas de subsistência, lazer e até o sono. Como esta incumbido do trabalho “pesado”, o homem deixa de se ocupar de outras atividades. Mas a mulher que faz trabalho “leve”, continua a cuidar da casa e dos filhos.
- - “cheia de servicinhos”
- Quando se trata de fazer esses trabalhos mais “maçantes”, os homens têm sempre que “ir à cidade resolver um negócio”, que atender a algum compromisso mais urgente ou mais interessante, ou estão simplesmente cansados do serviço “pesado”.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 5(28), 1987. p. 64-70.

- Como se vê, “trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças. Fica a pergunta: porque se paga menos pela realização dessas tarefas? A resposta não deve ser procurada em realidades especificadas das regiões estudadas ou do próprio meio rural como um todo. Essa situação ocorre da valorização social do homem enquanto “chefe de família”, responsável pela reprodução de seus “dependentes”. Assim, o trabalho desses últimos fica em plano secundário, cabendo, nestes casos, uma remuneração que apenas “ajuda” a composição do orçamento familiar.
- A conclusão, portanto, é clara: o trabalho é “leve” (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar.

□



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “O campesinato sempre foi um tema de difícil articulação dentro do marxismo, e isso se refletiu nos estudos feministas. Havia uma crença generalizada de que a liberação das mulheres passaria necessariamente por sua independência financeira, fruto da inserção no mercado de trabalho. Como ‘encaixar’ aí as mulheres em regime de trabalho familiar? Nosso objetivo neste artigo é mostrar que elas não foram bem ‘encaixadas’ e que há um ‘viés urbano’ perpassando as análises sobre trabalho feminino no campo.” (p. 230)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “[...] mesmo quando o direito garante a igualdade de gênero, isso não significa que na partilha da propriedade agrícola as filhas herdem como os filhos.” (p. 233)
- “[...] são principalmente os filhos homens que herdam a terra. O acesso das mulheres a esse bem se faz pelo casamento.” (p. 234)
- “Uma vez rompido o tabu de falar sobre assunto tão doloroso, as mulheres entrevistadas, quando sozinhas conosco, mostram-se revoltadas com tal discriminação, dizendo sempre que “trabalharam tanto quanto seus irmãos na terra dos pais” e, por isso, mereceriam herança igual. Elas não apóiam suas reivindicações na idéia de igualdade de gênero, nem no fato de serem filhas legítimas de seus pais, mas no fato de terem trabalhado para manter e mesmo aumentar o patrimônio familiar.” (p. 234)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “Faz sentido também atentarmos para a discriminação que é não considerar as lidas femininas, na casa ou na roça, como ‘trabalho’. A desvalorização das múltiplas tarefas femininas nas estatísticas oficiais – daí a expressão ‘trabalho invisível’ – é um reflexo da desvalorização que perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família. ” (p. 235)
- “direito a participar das decisões e da renda. A rigor, a esposa teria esse direito no Brasil, mas é prática corrente, por exemplo, os bancos exigirem só a assinatura do marido para qualquer financiamento e, mesmo quando é a mulher a dona da terra, a assinatura só dela não basta.
- A tradicional exclusão feminina do acesso à terra faz com que elas também sejam ignoradas pelas políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, por mais que as leis brasileiras condenem a discriminação por sexo. ” (p. 235)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “Apesar da quase unanimidade sobre a importância de se usar a categoria ‘gênero’ em vez de ‘mulher’, concordamos com Claudia de Lima Costa, quando ela diz que a adoção do conceito de gênero por parte dos Estados e das agências intergovernamentais nas Américas fez com que a crítica feminista à opressão e à subordinação da mulher tenha se diluído e sido neutralizada nos discursos e nas práticas dessas instituições. Daí a autora conclui que “o gênero enquanto categoria permitiu uma certa despolitização dos estudos feministas na academia latino-americana”. ” (p. 237)
- “Se por um lado muito das críticas ao conceito de gênero está baseado em uma forte postura marxista que teme que o conceito de classe acabe por se diluir entre inúmeras diferenciações – gênero, etnia, raça, religião e outras –, muito da aceitação deriva de uma concordância implícita de que os conceitos de ‘mulher’ e ‘gênero’ se equivalem, tanto assim que, quando o título de uma publicação, conferência ou congresso inclui a palavra ‘gênero’, podemos ter certeza de que se vai estar falando de mulher. Porém, essa não é apenas uma questão semântica, porque construções diferentes levam à criação de identidades diferentes entre os movimentos de mulheres. ” (p. 238)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “Nos movimentos que colocam a luta de classes em primeiro lugar, o modelo de participação política é machista. O discurso da igualdade de gênero é consenso, mas não se discute quão desigual é essa igualdade, na medida em que se cobra das mulheres um comportamento masculino e elas acabam por incorporá-lo, sentindo-se culpadas quando não conseguem segui-lo à risca.” (p. 239 - 240)
- “Preferem conversar ‘entre mulheres’, pois consideram a presença masculina inibidora. Reclamam que nas reuniões mistas, quando podem falar, nem sempre são ouvidas, e que um certo menosprezo muitas vezes carregado de ironia as constrange.” (p. 241)
- “Ao entrevistarmos uma líder nacional do MST, ela assim caracterizou os movimentos de mulheres segundo suas metas principais: mulheres do MST: reforma agrária; mulheres dos sindicatos: agricultura familiar; e movimentos autônomos de mulheres: saúde.[...] Mas há pelo menos um ponto comum aos movimentos: todos eles discutem questões ligadas à visibilidade da mulher e à necessidade de se imporem como produtoras rurais, não mais colocando no lugar da profissão, em documentos oficiais, a expressão ‘do lar’, como sempre havia sido o costume.” (p. 241)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “Enquanto a família existiu como unidade de produção, as mulheres e as crianças participavam diretamente das atividades consideradas econômicas. O aparecimento do capitalismo, segundo Heleieth Saffioti,<sup>56</sup> se dá em condições adversas à mulher porque a encontrou já em uma situação social tradicional de subordinação e de desvalorização de seu trabalho, o que a tornou presa fácil dos baixos salários, das longas jornadas e da prioridade por ocasião de dispensa de trabalhadores. Como historicamente já vinha ela desempenhando o papel de principal responsável pela casa e pelos filhos, o lar foi se tornando seu espaço por excelência, a ponto de a sociedade passar a só admitir seu afastamento do papel de esposa e mãe em casos de necessidade financeira.” (p. 243)
- “[...] o único esforço físico ou mental que passou a merecer o nome de trabalho produtivo e a ser remunerado foi o despendido nas atividades consideradas econômicas. Daí a separação entre trabalho produtivo e não produtivo, nada fácil de se visualizar quando não há separação entre unidade familiar e de produção, como é o caso do camponato.” (p. 244)
- “Nas propriedades familiares rurais não é nada simples separar o que é trabalho doméstico do que seria trabalho produtivo. Afinal, o conceito de ‘trabalho produtivo’ foi cunhado para situações em que se dá a extração da mais-valia, ou seja, quando o trabalho excedente é apropriado pelo dono dos meios de produção, ou seja, o capitalista.” (p. 245)



PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**. Vol. 12 N. 1 (janeiro - abril), 2004. p. 229 - 252.

- “Sobre a categoria ‘gênero’, embora seja quase impossível discordar da conceituação a ela dada por Joan Scott, acreditamos que é preciso romper com a aparente tranquilidade teórica que seu conteúdo relacional transmite, pois, para os movimentos sociais, seu uso (e abuso) está sendo um obstáculo para se pensar diferenças importantes. [...] O problema não está na construção teórica do conceito, mas na sua apropriação pelos movimentos sociais rurais. Admitir que um problema é resultado de uma relação e ter como corolário pensar que, por isso, sua superação só poderá ocorrer se houver concordância entre as partes é ter uma confiança excessiva e não justificada na magnanimidade dos privilegiados em abrir mão de seus privilégios.” (p. 249)



KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67 - 79

- “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.).
- Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher).” (p. 67)



## textos de apoio

- ❑ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67 - 79
- ❑ CATTANÉO, Nathalie; HIRATA, Helena. Flexibilidade. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 106 - 111
- ❑ HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (o conceito de). in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 251 - 256
- ❑ FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico. in: HIRATA, Helena, et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 256 - 262

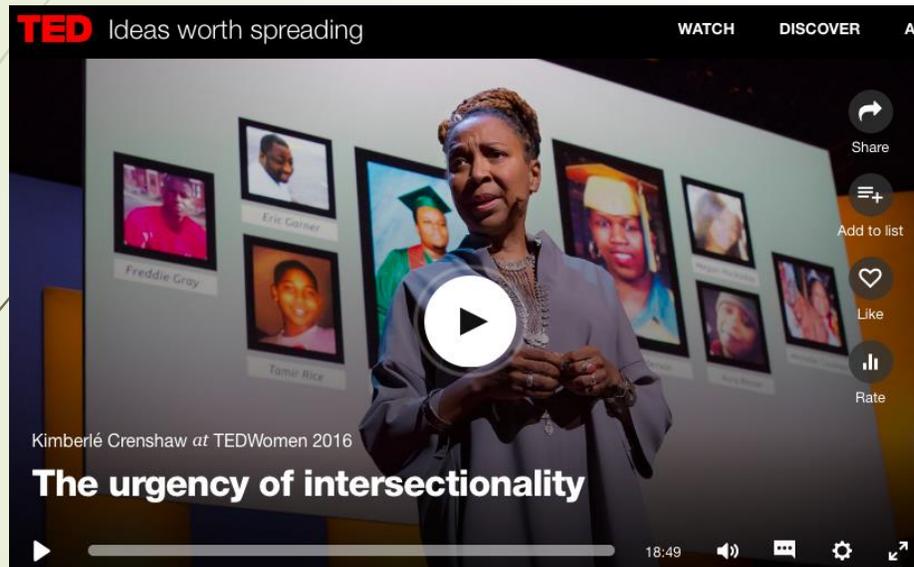


# Unidade III – Interseccionalidade e Feminismos Latino Americano

- conceito de interseccionalidade;
- tráfico de teorias / políticas de localização / identidades mestiças;
- reflexões: incluir estas abordagens como resistência às teorias hegemônicas

04 - Dezembro - 2017

# CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade da discriminação de raça e gênero.**



- Kimberlé Crenshaw at TED Woman 2016 – The urgency of intersectionality  
tempo: 18'49"
- [https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality)



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas** Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.

- “[...] consenso de que os direitos humanos das mulheres não deveriam ser limitados apenas às situações nas quais seus problemas, suas dificuldades e vulnerabilidades se assemelhassem aos sofridos pelos homens.” (p. 172)
- “[...] a incorporação do gênero, no contexto da análise do racismo, não apenas traz à tona a discriminação racial contra as mulheres, mas também permite um entendimento mais profundo das formas específicas pelas quais o gênero configura a discriminação também enfrentada pelos homens.

□  
Em segundo lugar, a lógica da incorporação da perspectiva de gênero, ou seja, focalizar a diferença em nome de uma maior inclusão, aplica-se tanto às diferenças entre as mulheres como às diferenças entre mulheres e homens.”(p.173)



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas** Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.

- “A garantia de que todas as mulheres sejam beneficiadas pela ampliação da proteção dos direitos humanos baseados no gênero exige que se dê atenção às várias formas pelas quais o gênero intersecta-se com uma gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres. “ (p. 174)



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas** Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.

- Invisibilidade interseccional:
- “O termo ‘superinclusão’ pretende dar conta da circunstância em que um problema ou condição imposta de forma específica ou desproporcional a um subgrupo de mulheres é simplesmente definido como um problema de mulheres.” (p. 174)
- “Uma questão paralela à superinclusão é a subinclusão. Uma análise de gênero pode ser subinclusiva quando um subconjunto de mulheres subordinadas enfrenta um problema, em parte por serem mulheres, mas isso não é percebido como um problema de gênero, porque não faz parte da experiência das mulheres dos grupos dominantes. Uma outra situação mais comum de subinclusão ocorre quando existem distinções de gênero entre homens e mulheres do mesmo grupo étnico ou racial. Com frequência, parece que, se uma condição ou problema é específico das mulheres do grupo étnico ou racial e, por sua natureza, é improvável que venha a atingir os homens, sua identificação como problema de subordinação racial ou étnica fica comprometida. Nesse caso, a dimensão de gênero de um problema o torna invisível enquanto uma questão de raça ou etnia. O contrário, no entanto, raramente acontece. Em geral, a discriminação racial que atinge mais diretamente os homens é percebida como parte da categoria das discriminações raciais, mesmo que as mulheres não sejam igualmente afetadas por ela.” (p. 175)



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas** Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.

- “Em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a *diferença torna invisível* um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria *diferença é invisível*.” (p. 176)
- “Para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação.” (p. 176)



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas** Ano 10: 1/2002 – pp. 171 – 188.

- Definindo interseccionalidade:
- “Para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.” (p. 177)
- \* Interseccionalidade política (p. 181)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudios Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- “Creemos que es posible trazar nuestro propio perfil entre los países hegemónicos y los países postcoloniales. Por un lado, América Latina nace de las propias contradicciones de la Ilustración y de su afán por constituirse autónomamente. Los países que actualmente la integran se originan y se estructuran en tanto Estados modernos sobre las bases filosóficas de un ideario cuyas nociones fundantes son la igualdad, el universalismo y la libertad. Por otro, la sociedad latinoamericana está fundada sobre tres raíces poblacionales fundamentales: la autóctona indígena, la europea “blanca” y la “negra” (a las que más recientemente se sumaron migraciones asiáticas); donde las cuestiones propias del feminismo postcolonial, del multicultural, del ecofeminismo, del pensamiento de la subalternidad, adoptan el diseño de las políticas de la identidad.” (p. 11)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- “[...] los mecanismos de inclusión / exclusión de las mujeres han seguido un derrotero propio atravesado fundamentalmente por la diversidad étnica y cultural (incluída la religión) muchas veces enmascarada como si de cuestiones de económicas o de clase se tratara.” (p. 12)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudios Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- Tráfico de teorías:
- “Traficar teorías implica una práctica que quiebra – en su reapropiación – los modelos originales, enriqueciéndolos. Desde otros contextos, en palabras de Sophie Bessis, es un modo de *aculturar el universalismo*; un modo de apropiárselo.” (p. 13)
- “El minucioso trabajo de traducción, de citación de resignificaciones, de ruptura de contextos y de reincorporación de conceptos marca el lugar del *derecho a la producción de saberes*, como diferente de la repetición.” (p. 13)
- “[...] un primer paso es revisar nuestras propias contribuciones teóricas resignificadas. El siguiente es denunciar el problema de la *inaudibilidad* y de la *intransitabilidad* de nuestras propuestas dentro mismo del territorio latinoamericano.” (p. 14)
- “[...]el primer obstáculo que enfrentamos es la dificultad del *tráfico teórico* por nuestros propios territorios.” (p. 14)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- Políticas de localização – situar-se:
- “[...] hace manifiesto que las “mujeres de América Latina” somos también *nosotras* en la doble subalternidad de latinoamericanas y de mujeres y en el privilegio de tener conciencia de que somos *Las Otras* de los discursos hegemónicos. Esta obviedad muestra, sin embargo, *nuestra marca efectiva de la marginalidad [...]*” (p. 15)
- “Así, estar en un *locus inesperado* – en ese lugar donde no se espera que estemos – nos inscribe ya – desde el principio – como sujetos-agente. Desde ese punto de mira, nuestra “imprevisibilidad” típica puede leerse, por un lado, como una forma de resistencia a la inscripción completa y acabada según un ideal sumiso y doméstico; pero, por otro, también como ejemplo de una experiencia crítica, marginal y periférica, que rechaza el lugar de Otra exótica y emocional que se nos prescribe.” (p. 15)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudios Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- Identidades mestiças:
- “[...] “mestizo” no sólo en un sentido biológico (tradicional) sino, fundamentalmente, en uno cultural (y religioso). De modo que las *políticas del mestizaje* implican el rechazo implícito o explícito a considerar “no pertinente” o “no perteneciente” a cualquier ser humano del planeta. [...] el mestizaje como *lugar real y simbólico de la ambigüedad* supone, al mismo tiempo, el abandono de las políticas que se basan en dicotomías excluyentes y en esquemas rígidos.” (p. 17)



FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 11, jan. 2007. ISSN 1806-9584

- Resistência:
- “Sólo comprendiendo esta sumatoria de aspectos, pueden entenderse algunas complejas situaciones de marginalidad. No es simplemente una marginalidad económica; implica la falta de visibilidad y de representación. Por eso sólo la redistribución económica – fundamental – no es suficiente. Por eso también, el éxito de los modelos políticos que conceden importantes cuotas de reconocimiento a los sectores más “impuros” de la sociedad.” (p. 19)
- “[...] “lo diferente” como *identidad de resistencia* (muchas veces ontologizada) opuesta a lo “uno blanco”, con una dinámica afín a la dicotomía puro / impuro.” (p. 19)
- “América latina es “impura”, es decir mestiza. En ese sentido, trabajar a partir de la noción de *identidades negociadas* puede resultar tan útil y esclarecedor como enriquecedor. (p. 19)



# Unidade IV – Meio Ambiente

- teoria da complexidade / ecofeminismo;
- pesca responsável

11 - Dezembro - 2017



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “O trabalho utiliza a teoria da complexidade para a análise das questões de gênero, mostrando que a sociedade as constrói em uma interação de informações entre natureza e cultura.” (p. 423)
- “O ecofeminismo sugere, portanto, uma terceira direção: o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza–cultura ser um produto da cultura, podemos conscientemente escolher a aceitação da conexão mulher– natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida tem consequências profundas para a ecologia e as mulheres.” (p. 424)
- “Segundo Edgar Morin, o pensamento complexo é um método ou uma forma de pensar que pode trazer um novo significado às noções, idéias e conceitos sociológicos que acabaram por ser esvaziados de seu conteúdo pela modernidade.” (p. 424)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “A idéia é afastar-se do reducionismo, mostrando que a totalidade parece mais rica e bela quando deixa de ser totalitária, quando passa pela individualidade e se mantém aberta, incapaz de fechar-se sobre si mesma ou, como diz Morin, “se torna complexa”. ” (p. 425)
- “O ‘dualismo’ parece estar no centro das dificuldades que envolvem as tentativas de reverter os valores atribuídos ao feminino e à natureza. Dualismo é o processo pelo qual conceitos antagônicos foram construídos como opostos e excludentes e foram apropriados pelo julgamento moral da *lógica da dominação*.” (p. 425)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “A ligação entre mulher e natureza e as razões pelas quais ambas são consideradas como de nível inferior não significa assunto do passado, mas parece continuar a dirigir a degradação do meio ambiente natural, a caracterizar a atividade feminina e a marcar, de maneira geral, a esfera da reprodução.” (p. 426)
- “Tudo que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico, importando o fenômeno multidimensional e não a disciplina que seleciona uma dimensão desse fenômeno.” (p. 427)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “Na sociedade humana, que é bioantropossocial, pelas suas inúmeras simultaneidades e interrelações, o uno, ou o sujeito, tem uma identidade complexa, que é múltipla e una. Ao mesmo tempo que é sujeito, é parte de uma categoria ou grupo social e tem, portanto, uma dupla identidade, tem a sua identidade própria e participa da identidade do todo.” (p. 428)
- “a organização de um sistema é a organização da diferença” (p. 428)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “conservar a circularidade é manter a associação de duas proposições reconhecidas como verdadeiras, uma e outra isoladamente, mas que, mal entram em contato, se negam uma à outra. Ao mesmo tempo, conservar a circularidade é abrir a possibilidade de conceber essas duas verdades como as duas faces de uma verdade complexa, revelando a realidade principal, que consiste na relação de *interdependência* entre noções que a disjunção isola ou opõe.” (p. 431)
- “Segundo Morin, é possível entrever a possibilidade de transformar os círculos viciosos em ciclos virtuosos, que se tornem reflexivos e geradores de um pensamento complexo. Para isso, devemos ter o cuidado de não romper as nossas circularidades, não nos desprendermos delas.” (p. 431)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “Para conceber o princípio de complexidade, não é suficiente associar noções antagônicas de modo concorrente e complementar, mas há que considerar o próprio caráter da associação. Não é somente uma relativização dos termos, uns em relação aos outros; é a sua integração dentro de uma visão cósmica e poliocular do mundo, que percebe cada um no processo de um anel retroativo e recorrente.
- Ao destacar a articulação, a complementação e a associação, presentes na dimensão biológica, física e cósmica, a visão de mundo do ecofeminismo e da ecologia reconhece os princípios do individualismo, da diferença e da semelhança. O pensamento ecológico e o complexo reconhecem a individualidade, mas o uno também é múltiplo e diverso, pois sem a diversidade a unidade não existiria. Também reconhece a semelhança, não igualdade, pois a igualdade não comporta diversidade e sem diversidade não há estabilidade, pois tudo se confundiria, sem equilíbrio e organização. No entanto, a diversidade não significa hierarquia, como por muito tempo se pretendeu na sociedade humana. Na natureza não existe hierarquia; foram os seres humanos que classificaram a si mesmos e aos seres não-humanos em ordens superiores e inferiores de maneira dualística, isto é, de forma reducionista, que possui implicações sociais e teóricas letais, em uma projeção antropocêntrica sobre o cosmos que reforça a dificuldade em pensar o mundo ecofilosoficamente.” (p. 432)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “Na análise de Morin é importante o aparecimento das três noções indispensáveis ao estabelecimento da relação ordem–desordem: a *interação*, que desencadeia efeitos necessários, por força do acaso ou da necessidade; a *transformação*, de elementos dispersos em um todo organizado, ou em uma associação; e a idéia de *organização*. A organização é auto-organização e precisa de “ruído” para manter a ordem viva. É o princípio de *order from noise*, ou seja, é por meio de “ruídos” ou erros que se opera a reorganização de uma mensagem em outra, mais rica e mais complexa.” (p. 433)
- “A organização social absorve essas transformações, encaminhando uma nova ordem, que se reflete na natureza, na cultura e nas relações sociais de gênero, inseridas nas duas dimensões. A princípio a situação parece caracterizar-se pelo caos e pela desordem, mas o movimento complexo gira o anel, e o jogo de interações continua na direção de novas transformações.” (p. 433)



CIOMMO, Regina Célia Di. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423, jan. 2003. ISSN 1806-9584.

- “Entre dois princípios dualísticos, natureza e cultura, estabelece-se uma ligação fundamental e podemos ver que os fenômenos que aparecem como sendo ‘opostos’ aos olhos do dualismo são, na verdade, complementares e, sob alguns aspectos, novos e mais complexos.” (p. 434)
- “quais são as possibilidades e limites da complexidade? Para Morin, essa é a questão que se levanta para o ser humano, hoje, neste planeta.” (p. 435)



MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**. No 84/85 Março/Agosto, 2000.

- “pesca responsável. Trata-se de um enfoque muito importante, pois pretende associar desenvolvimento e responsabilidade.” (p. 83)
- “É necessário mudar os próprios critérios de racionalidade econômica dos investimentos, já que o direito de usar os recursos do mar passa a ser vinculado à obrigação de preservá-los mediante uma exploração judiciosa.” (p. 83)
- “os esforços para preservar e fomentar as comunidades de pescadores artesanais são parte inseparável de um projeto de pesca responsável.” (p. 84)



MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**. No 84/85 Março/Agosto, 2000.

- “Compreender como as comunidades de pescadores artesanais vêm se reproduzindo requer um olhar abrangente, que leve em conta o trabalho das famílias, direta ou indiretamente ligado ao sistema produtivo da pesca. [...] Trata-se de uma dimensão geralmente pouco valorizada, quer no âmbito dos estudos, que privilegiam a situação do homem pescador, quer no âmbito das políticas e das organizações sindicais de pescadores onde ainda predomina uma concepção restritiva de pescador.” (p. 84)
- “É essencial analisar as atividades das mulheres no espaço doméstico, tais como cuidar dos filhos, manter a casa e pescar e plantar para o consumo das famílias. São elas que, mais que os homens, enfrentam cotidianamente as dificuldades da vida em terra. Por isso, elas têm condições de levantar importantes questões relacionadas com a qualidade de vida e de inseri-las na agenda das organizações profissionais de pescadores. Por outro lado, em diversas situações elas estão atuando na própria pesca. É o caso das “marisqueiras” (coletoras de mariscos em praias nordestinas), das “tecedeiras” de redes de pesca, das pescadoras nas praias e nos rios, das que beneficiam pescado, das que fazem farinha de pescado (na região dos lagos do Baixo Amazonas), das ex-pescadoras, das esposas e filhas de pescadores, bem como das presidentes ou membros de diretorias de colônias ou outras associações. ” (p. 85)



MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**. No 84/85 Março/Agosto, 2000.

- “As atividades femininas tendem, pois, a ser multidirecionadas, ao contrário das masculinas, geralmente centradas em uma ou duas atividades principais, como por exemplo, pesca e lavoura (ALENCAR, 1991). Esse fato reforça a invisibilidade de seu trabalho e dificulta sua identificação como trabalhadoras. Nessa condição, ficam excluídas dos correspondentes direitos sociais e previdenciários.” (p. 86)
- “longas ausências do companheiro, ampliando sua responsabilidade no lar” (p. 86)



MANESCHY, Maria Cristina. Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**. No 84/85 Março/Agosto, 2000.

- “Assegurar às mulheres o estatuto de trabalhadoras da pesca, como parceiras de terra ou das águas, é um passo na conquista de uma cidadania de qualidade, com relações mais justas e igualitárias entre homens e mulheres.” (p. 88)
- “muitos dos trabalhos assumidos por mulheres em comunidades pesqueiras apresentam como características a variabilidade no tempo e no espaço, a irregularidade na demanda, sua compatibilização com as tarefas domésticas e, por consequência, a dificuldade de contabilizar o tempo de trabalho. Esses fatores reforçam a visão corrente das mulheres mais como donas de casa, “ajudantes” do companheiro e não como sujeitos produtivos. Tal visão exprime-se no baixo número de mulheres filiadas nas colônias de pescadores, que constituem o órgão de classe tradicional dessa categoria no país.” (p. 88)
- “pescadoras, trabalhadoras da pesca ou membros de famílias de pescadores.” (p. 89)



# Unidade 5 - Sexualidades

- masculinidades;
- teoria queer

18 - Dezembro - 2017



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O Gênero, a masculinidade e a feminilidade;
- O trabalho como constituinte da identidade masculina;
- Honra e Violência;
- Paternidade;
- Emoções nas relações de gênero e no masculino.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O Gênero, a masculinidade e a feminilidade (p. 5):
- Para a corrente pós-estruturalista, o gênero se constitui pela linguagem, por aquilo que muitas autoras identificadas com a corrente pós-estruturalista definem como discurso.
- Para as teóricas estruturalistas, o gênero implica em alteridade, ou seja, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição de identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos. Para esta corrente, o gênero se constrói sobre o corpo biológico, que é sexuado.
- as pós-modernas pensam diferentemente. Para elas o gênero pode ser mutável; elas pensam que existem múltiplos gêneros, e não apenas o masculino e o feminino.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- É a atividade que faz o masculino? (p. 6 e 7):
- Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo.
- para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade.
- O corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- É a atividade que faz o masculino? (p. 8 e 9):
- violência como constituidora da masculinidade
- O modelo de sexualidade predadora masculina é, para Daniel Welzer-Lang, um ponto nodal da constituição do gênero masculino; uma sexualidade que é formada na visão de que as mulheres devem ser consumidas tal como se dá o aprendizado da sexualidade pela pornografia.
- O próprio fato de se tratar de fotos de mulheres, de “mulheres de papel”, as quais se toca pelo papel, permite que o olhar masculino sobre as mulheres as transforme num objeto, que é um papel que se pode consumir.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- É pelo corpo que se constrói o feminino? (p. 9, 10 e 11):
- rituais de construção de feminilidade [...] são menos violentos que os masculinos, pois eles não precisam separar as mulheres do mundo feminino, mas sim reforçar este vínculo pelo aprendizado das regras deste mundo.
- o corpo tem um papel crucial na constituição da identidade de gênero contemporânea, sendo um elemento central na constituição do sujeito.
- A beleza é um dos elementos centrais da constituição da feminilidade no modelo ocidental moderno, pois é ela que permitirá à mulher se sentir desejada pelo homem.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Teorias sobre honra, masculinidade e violência (p. 11 e 12):
- Os sentimentos definidores das relações de gênero no mundo mediterrâneo se dão em torno do complexo moral da honra e da vergonha
- Inúmeras sociedades se constroem em cima valores de honra.
- Para nossa cultura, um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, ou seja, uma mulher recatada, controlada, pura, etc. É a mulher quem detém o poder de manter a honra do marido, pois se um homem não tem uma mulher virtuosa ele perde a sua honra.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Teorias sobre honra, masculinidade e violência (p. 12):
- homem honrado e que lava a sua honra com sangue. O que significa lavar a honra com sangue? Se for enganado, se levar gaia, mata a mulher, mata o amante da mulher.
- as mulheres também são capazes de manipular a honra dos maridos porque é a mulher que pode pôr a honra do homem em risco. Ela conta das estratégias que as mulheres usam para trair os maridos caso estes não cumpram o papel que é esperado deles, o de provedor. A fofoca, neste caso, é um instrumento poderoso de pôr em dúvida o valor masculino: a honra.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Teorias sobre honra, masculinidade e violência (p. 13):
- Um outro modelo de honra diz respeito ao poder econômico que um homem tem para sustentar sua família.
- Como vimos, são as mulheres (mãe, filhas, irmãs) as responsáveis pela honra familiar. Cabe portanto aos homens (pai, filhos, irmãos) o controle sobre a virtude feminina. Virtude que é reconhecida publicamente pela categoria respeito. Uma mulher de respeito é, portanto, uma mulher que está adequada aos comportamentos reconhecidos socialmente como femininos. Para as mulheres casadas, ser uma mulher de respeito está associado à capacidade de reprodução e de controle de sua prole.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Teorias sobre honra, masculinidade e violência (p. 14):
- Não sei se aqui no nordeste é comum, mas lá no sul é muito comum casais com filhos se chamarem de “mãezinha” e “paizinho”. Vocês percebem que as palavras são um canal poderoso para se entender as relações; neste campo a gente tem que ficar muito atento às palavras que são usadas. Quando o casal se trata assim, evidentemente está sendo articulado este modelo que não se trata mais da mulher sexualmente desejada, mas se trata daquela mulher transformada em sagrada, em mãe, com a qual provavelmente não se pode fazer sexo – e é uma das razões que os homens casados alegam ao procurar prostitutas ou prostitutos. Isto é o que se conceitua dentro do campo da honra, de dupla moralidade, ou seja, para um homem é perfeitamente possível ter uma mulher em casa e procurar outras na rua, sem que ele se sinta traindo ninguém. É justamente porque ele “respeita” sua mulher que ele vai procurar na rua outra, a prostituta, que é paga para o sexo.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Teorias sobre honra, masculinidade e violência (p. 15):
- o mito da criação é um mito que fala da dominação masculina. Em outras culturas existem outros mitos que falam da mesma coisa, que havia um mundo harmônico, onde deuses, homens e mulheres viviam juntos, mas que de repente, por culpa das mulheres, os deuses decidiram separar os dois mundos: o humano e o divino. Adão e Eva viviam num lugar maravilhoso, onde não havia nenhum mal, tinham frutas, tinha alimento à vontade. Todos vocês sabem que é porque Eva comeu a maçã que nós – humanos – fomos expulsos do paraíso e fomos jogados aqui na Terra. Eva é, portanto, a culpada do nosso sofrimento como humanos e o mito, ao contar isto, mostra que as mulheres não são confiáveis, que os homens devem controla-las, dominá-las.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O trabalho e a masculinidade (p. 16):
- É com o advento da Revolução Industrial que se consolida, no século XIX, essa separação que seria a política e o trabalho associados ao plano masculino, em oposição ao complementar, que aqui seria o lar, o doméstico, coisas do feminino.
- Nas sociedades tradicionais, o gênero é marcado por tarefas exclusivas de homens e mulheres. Assim, no mundo industrial, os homens estavam ligados à esfera da produção enquanto as mulheres à esfera da reprodução (tanto no que se refere aos filhos, quanto nos trabalhos domésticos necessários à reprodução da força de trabalho). Nas sociedades camponesas, as tarefas são divididas em trabalho de mulher e em trabalho de homem. A divisão sexual do trabalho é transmitida de geração em geração pelo aprendizado dos meninos com os homens e das meninas com as mulheres.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O trabalho e a masculinidade (p. 17):
- Tradicionalmente na sociedade ocidental, a masculinidade se constituía pelo papel que o trabalho tinha na vida dos homens. O trabalho, fosse ele camponês ou industrial, envolvia o corpo masculino, que se distinguia do feminino pela força física. No final do século XX e início do século XXI, este paradigma do valor do trabalho masculino associado à força vem sendo substituído no mundo do trabalho pelo paradigma da competência, que está associado ao conhecimento de tecnologia, particularmente de informática.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O trabalho e a masculinidade (p. 18):
- Na divisão sexual do trabalho tradicional, o homem está ligado ao mundo público do trabalho e a mulher ao mundo privado – a casa, o lar, os filhos. Com este modelo ideal, mesmo quando a mulher tem um emprego remunerado, a gestão do mundo doméstico continua sob sua responsabilidade. O que acontece no momento do desemprego masculino em camadas médias? As mulheres, que acreditam no modelo igualitário de relações de gênero, passam a reivindicar que os homens se responsabilizem das tarefas domésticas, com o seguinte argumento: “enquanto eu trabalho o dia inteiro, tu ficas em casa; tu estás desempregado, tu tens de cuidar das coisas de casa como eu sempre fiz quando tu trabalhavas mais do que eu”. O que poderia ser uma equação simples de divisão de tarefas e responsabilidades, acaba tendo um impacto profundo na identidade destes homens, que se sentem, de alguma forma, “feminilizados” ao terem de assumir tarefas domésticas.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O trabalho e a masculinidade (p. 20):
- se por um lado, espaços de trabalho masculino começam a ser invadidos por mulheres, outros espaços tradicionalmente femininos, como enfermagem e educação, passam a ser fortemente investidos por homens. Esta mudança nos padrões de emprego são contaminadas também pelo plano do simbólico do gênero. A tese de Alvaro Pereira<sup>32</sup> sobre o homem da enfermagem mostra como todos os homens enfermeiros vão se constituindo na idéia de que eles são muito machos. Ele observou que auxiliares de enfermagem carregam macas e ficam naquela parte da emergência onde se faz necessário a força física. Por outro lado, os enfermeiros com curso superior raramente exercem tarefas de cuidado, que são tarefas que caracterizam a profissão. Pode ter mil enfermeiras num hospital, mas se tem um enfermeiro, este um enfermeiro vai ter um lugar de coordenação de chefia.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Novos modelos de paternidade (p. 21 e 22):
- Hoje, parte da literatura que estuda a temática da família, da maternidade e da paternidade, trabalha com o conceito de *parentalidade*. Este conceito serve para explicar as mudanças ocorridas na família urbana contemporânea, famílias que cada vez mais estão adequadas ao modelo clássico de família nuclear com pai, mãe e filhos biológicos deste casal vivendo sob o mesmo teto. Em camadas médias urbanas, é muito comum termos hoje *famílias recompostas*, que são grupos familiares com filhos de diferentes uniões dos pais.
- nas novas paternidades há também uma fragmentação de modelos: o homem pode ser várias outras coisas ao mesmo tempo. Ou seja, a paternidade é essencial para esse sentimento de ser homem, mas ela não é o único elemento que constitui a identidade masculina.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O amor e as emoções no masculino (p. 23 e 24):
- duas questões ligadas à emoção: a temática do amor romântico e a forma como os homens lidam com as emoções, uma vez que uma das características tradicionais da masculinidade é justamente a negação de qualquer sensibilidade ao homem.
- Os sentimentos, assim como todos os comportamentos humanos, não são naturais, eles são aprendidos em nosso processo de socialização.
- emoções como alegria, dor, sofrimento, são expressões de sentimentos culturalmente determinados.
- Esse período do século XIX, do romantismo, é um momento que passa a ser muito difícil ver um homem chorando; as lágrimas passam a ser algo exclusivo das mulheres, e é nesse momento que vão surgir modelos que até hoje estão presentes nas nossas novelas, nos nossos filmes, que é justamente esse modelo do famoso amor romântico.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O amor e as emoções no masculino (p. 25):
- O amor romântico, a paixão como um sentimento tão forte que extrapola nossa vontade é, segundo Anthony Giddens<sup>42</sup>, um sentimento que vai se consolidar no século XIX como um sentimento engendrado. Para ele, no amor romântico, homens e mulheres não se colocam da mesma forma na relação, cabendo às mulheres o compromisso com a manutenção do sentimento, a garantia da troca emocional, enquanto que aos homens bastaria o encontro sexual. Para Giddens, atualmente nós estaríamos vivendo a emergência de um novo projeto amoroso, que ele chama de amor confluyente ou plástico.
- O amor romântico é, de alguma forma, um amor que implica, na sua essência, em desigualdade de gênero. Por quê? No amor romântico se trata da construção de uma narrativa, de um discurso da história do encontro de dois indivíduos. Mas essa narrativa é desigual, porque quem vai se entregar totalmente à relação é a mulher; o homem vai, na medida do possível, garantir sua vida sexual também fora do casamento.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- O amor e as emoções no masculino (p. 27):
- Retomando a temática da expressão masculina dos sentimentos, que de alguma forma se perde com o desenvolvimento da sociedade moderna, tal como formula Vincent-Buffault, observamos que, hoje, os indivíduos do sexo masculino apenas podem chorar em determinadas ocasiões, como a morte de familiares. O filho deve chorar a morte do pai, ou o pai a do filho, porque é uma situação reconhecida socialmente como de extremo sofrimento.
- Fora da situação de morte, um dos raros momentos onde o homem pode chorar é na música. [...] Tradicionalmente no Brasil, a música popular tem sido um espaço permitido à emoção masculina.
- Além da música, a poesia é outro campo de expressão de sentimentos permitido aos homens.



GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão** / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)

- Masculinidades em crise? (p. 29):
- Muitos autores têm apontado para uma “crise da masculinidade”, crise que seria fruto do desconforto masculino face às conquistas das mulheres no mundo contemporâneo. Eu acho que esta crise é de alguma forma algo estrutural do indivíduo moderno. Assim como o feminismo trouxe uma crise na vida das mulheres, trouxe na vida dos homens. A categoria “processo de mudança” me parece mais adequada para pensar o momento pelo qual estão passando homens e mulheres em suas relações e constituições de processos identitários.



LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584

- “O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.” (p. 542)
- “Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” (p. 546)



LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584

- “A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido.” (p. 548)
- “Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências” (p. 549)



LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584

- “Ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas *queer* sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias. O alvo dessa política e dessa teoria não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos. Trata-se, portanto, de uma mudança no foco e nas estratégias de análise; trata-se de uma outra perspectiva epistemológica que está voltada, como diz Seidman, para a cultura, para as “estruturas lingüísticas ou discursivas” e para seus “contextos institucionais”(p. 549)
- “A teoria *queer* permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” (p. 550)
- “A “reviravolta epistemológica” provocada pela teoria *queer* transborda, pois, o terreno da sexualidade. [...] Uma pedagogia e um currículo conectados à teoria *queer* teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores.” (p. 551)
- “ ‘Em vez de colocar o conhecimento (certo) como resposta ou solução, a teoria e a pedagogia *queer* (...) colocam o conhecimento como uma questão interminável’.” (p. 552)

Roteiro de referência para revisão da literatura

**Nome:**

**Referência (ABNT):**

**Referência da autora:**

**Tipo:**

( ) comunicação em evento ( ) artigo científico em revista ( ) tcc/dissertação/tese ( ) \_\_\_\_

**Palavras-chave** (trazidas no texto):

**Município (s) / Estado** que abrange: \_\_\_\_\_

Comunidades que o texto destaca: \_\_\_\_\_

Breve resumo sobre o texto (2 – 3 linhas):

**(Atividades produtivas)** Quais as atividades pesqueiras que as mulheres do texto realizam?

( ) reparo de redes / outros petrechos de pesca

( ) reparo de embarcações

( ) pesca em rio

( ) pesca em mar

( ) pesca em lagoa estuarina

( ) catar/mariscar (incluir mariscos, caranguejos)

( ) cultivo de pescados (fazendas de camarão, ostras, piscicultura...)

( ) beneficiamento (limpeza de pescados)

( ) processamento (preparo de alimentos a base de pescado)

( ) comercialização

( ) artesanatos

**Descreva com detalhes cada item assinalado anteriormente:**

(por exemplo, as espécies trabalhadas, as jornadas de tempo empregadas, outros detalhes do trabalho descritos no texto)

**(custos)** O texto menciona “gastos” para realizar a atividade pesqueira? Se sim, liste os “gastos”/produtos necessários para extração ou cultivo:

**(ganhos)** O texto informa valores recebidos pela atividade pesqueira realizada?

**(Atividades reprodutivas)** Descrever as atividades produtivas apontadas no texto, com detalhes sobre o tempo empregado nestas atividades:

(ex.: cuidado com filhos e/ou outros familiares; limpeza e manutenção da casa...)

**(condições de vida/vulnerabilidade)** O texto menciona estrutura da comunidade? Tem:

energia elétrica  água encanada  serviços públicos de saúde

escolas públicas  transporte público  coleta de lixo  outra estrutura: \_\_\_\_\_

**(políticas públicas)** O texto fala sobre políticas públicas? Se sim, quais políticas são mencionadas (incluir pp pesqueiras e sociais)?

**(gênero)** O texto descreve relações de gênero (por exemplo, atribuindo “papéis de homem” e “papéis de mulher” na atividade pesqueira)? Quais?

**(representatividade)** O texto menciona instituições representativas? Quais? As mulheres do texto participam destas instituições?

**(conflitos)** O texto menciona quais conflitos? (tanto com outras atividades, como da própria atividade pesqueira)



# IFISH 5

International Fishing Industry  
Safety & Health Conference

St. John's, NL, Canada | June 10 -13, 2018

## SPECIAL CALL FOR ABSTRACTS FROM DEVELOPING COUNTRIES

### ABSTRACT SUBMISSION FORM

**\*\* Please complete and return to [ifish@mun.ca](mailto:ifish@mun.ca) by January 15, 2018 \*\***

#### Primary Author Information

<b>Name:</b>	<b>Hellebrandt</b>	<b>Dr.</b>	
	<i>Last</i>	<i>Dr. / Mr. / Ms./ Mrs.</i>	
	<b>Luceni</b>		
	<i>First</i>		
<b>Affiliation/ Organization:</b>	Post-doctoral researcher at Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro		
<b>Office Phone:</b>	+55 (22) 99701.9965	<b>Alternate Phone:</b>	+55 (22) 99966.5740
<b>Email:</b>	<a href="mailto:lueni.hellebrandt@gmail.com">lueni.hellebrandt@gmail.com</a>		

#### Co-Author Information

<b>Name(s) of abstract co- authors</b> (Last, First, Title and Affiliation) <i>limit 150 characters</i>	Martinez, Silvia Alicia Dr. of Education Professor at Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
--	---

#### Description

<b>Title of Presentation</b>	<b>Health issues and difficulties for women in small-scale fishing activity in cities from the North Fluminense in Brazil</b>
<b>3 Keywords to describe the abstract</b>	Women in fishing activity; Fishing work-related health; North Fluminense - Brazil

<b>Focus area</b>	fishing seafood processing
<b>Category that best describes the content of your abstract</b>	Health impacts Policy and regulation



**Presentation Type**

<b>Select one per submission</b>	<input type="checkbox"/>	<b>Oral Presentation</b> A 15-minute presentation	<input type="checkbox"/>	
	<input checked="" type="checkbox"/>	<b>Poster</b> A paper poster and informal discussion	<b>X</b>	<b>Any Format</b> I would like to be considered for any format.



**Abstract**

<p><b>Max 300 word</b></p>	<p>This text presents an ongoing study held in the Baixadas Litorâneas from the north of the state of Rio de Janeiro, Brazil, being part of the issues investigated within the research project “Women in fishing: map of social-environmental conflicts in cities from the North Fluminense and Baixadas Litorâneas”. The study applies a gender lens in the fishing communities of the region so that the people investigated are, especially, women who work in small-scale fishing activity, developing diversified productive activities throughout the productive chain of fishing, such as harvesting, processing and marketing of fish. In the interviews conducted so far, when the health issue is addressed, we can see the recurrence of two matters: 1) there is no specific health program to approach and / or guide regarding fishing work-related diseases (such as spinal problems or repetitive strain injuries from improper posture to execute processing activities) and 2) the women’s difficulty in accessing health-related social security benefits, even when they present problems due to fishery activities, once there is a deep issue of invisibility and, consequently, a non-recognition of women in Brazilian fisheries legislation, especially those who execute processing activities. In spite of direct consequences on the body and health of these women, many of them continue to engage in fishing activities because, on many occasions, it is the only income possibility where they live. This situation reflects the precariousness of public policies targeted to populations whose way of life is based on small-scale fishing and, when the gender lens is applied in the investigation of occupational health, the result is even more worrying.</p>
----------------------------	--



<p><b>Funding eligibility</b></p>	<p>Please tell us why you should be considered for funding to attend and make a presentation at this conference.</p>
-----------------------------------	--

Studies about small-scale fishing have been receiving attention from researchers around the world, especially the ones who seek alternatives for difficulties experienced by fishing populations of developing countries. Within this portion there is also a growing concern with studies that consider gender relations regarding equal opportunities between the sexes. Studies about small-scale fishing communities in Brazil are abundant. Also, there are considerable research productions that use gender as a category for fishing activity analysis, although in smaller number. Despite this abundance, in discussions at a global level, researches developed in Brazil are poorly represented. Although the fishing activity in Brazil presents similarities with other developing countries, there are also peculiarities regarding Brazil's fishing legislation, not recognizing the work done by women. This way, it is relevant to bring this discussion to IFISH 5, inserting discussions that happen on a Brazilian scope in international discussion networks about small-scale fishing.

**\*\* Please complete and return to [ifish@mun.ca](mailto:ifish@mun.ca) by January 15, 2018 \*\***

## *Residencia Artística Fotografia 2018*

### **Título del proyecto/ Título do projeto**

Da água à mesa: o trabalho feminino na atividade pesqueira

### **Breve descripción del proyecto/ Breve descrição do projeto**

As mulheres constituem uma importante força de trabalho na pesca artesanal ao longo de toda a costa brasileira assim como nas águas continentais. Elas não são apenas responsáveis pela cata de caranguejos, lulas, mariscos e camarões e pelo processamento e comercialização desses produtos, mas também se dedicam à captura do pescado. Entretanto, essa participação feminina em todas as atividades da cadeia produtiva da pesca não é valorizada e muitas das vezes também não é enxergada pela sociedade, que lhe nega direitos básicos. O objetivo do projeto fotográfico “Da água à mesa: o trabalho feminino na atividade pesqueira” é compartilhar e dar visibilidade ao cotidiano das mulheres, cujas imagens foram captadas em cenários naturais de sete municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Imagens desvendadas para dar mostras do cotidiano de mulheres pescadoras nos seus ambientes de vida, luta e trabalho: rostos queimados pelo sol e pelos ventos fortes da região; mãos fortes que fazem laços e amarram ou desamarram pequenas embarcações; braços grossos pelo peso e o lançar das redes; olhares contemplativos e esperançosos para o mar; destreza com a faca para a limpeza do peixe; dedos gastos pelo descascar do camarão; orgulho pelo processamento da matéria prima; cuidado da família...

Este projeto fotográfico vincula-se à pesquisa: “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do norte fluminense e das baixadas litorâneas”, o qual visa elaborar e disponibilizar uma cartografia dos conflitos socioambientais que vivem no cotidiano as mulheres das comunidades pesqueiras de sete municípios que compõem as mesorregiões das baixadas litorâneas e do norte do Estado do Rio de Janeiro: São Francisco de Itabapoana, Campos dos Goytacazes, São João da Barra, Macaé, Quissamã, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

A pesquisa é desenvolvida em uma parceria entre grupo de pesquisa da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e a Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (FAPUR), financiado como medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa Chevron, conduzido pelo Ministério Público Federal (MPF/RJ) com implementação do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio).

### **Motivaciones/ Motivações**

A principal motivação de trazer essa exposição é criar um panorama de imagens e sensações que revele e dignifique o cotidiano do trabalho das mulheres da pesca na costa atlântica fluminense. Seja pelas singulares expressões das fotos clicadas durante as atividades de campo ou mesmo mediante os registros sistemáticos produzidos sobre as rotinas das personagens retratadas, a coleção, ao revelar os cenários, as condições de vida e experiências vivenciados pelas mulheres da pesca nas suas labores, joga luz sobre as suas identidades produtivas, os valores e esforços para a construção de dias melhores.

O visitante, a partir das imagens expostas, vai poder criar uma perspectiva crítica sobre o modus vivendi das mulheres que compõem o mundo da pesca. A exposição pretende ser uma plataforma de reconhecimento e promoção dos direitos e as lutas destas mulheres pescadoras que habitam as baixadas litorâneas e o norte do Estado do Rio de Janeiro.

### **Leyendas de las fotografías/ Legendas das fotografias**

Fotografia 01\_Barco Amstad II atracado em São João da Barra - RJ\_Luceni Hellebrandt (1).jpg

Fotografia 02\_Pescadora levando rede para o barco em Cabo Frio - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 03\_Pescadora colocando rede no barco em Cabo Frio - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 04\_Pescadora e pescadores aguardando a saída dos barcos em Cabo Frio - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 05\_Pescadora e pescadores indo pescar em Arraial do Cabo - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 06\_Pescadora de lula saindo para pescar em Arraial do Cabo - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 07\_Pescadoras sobre canoa em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 08\_Pescadora se preparando pra jogar tarrafa em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 09\_Mãos amarrando canoa em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 10\_Pescadora amarrando canoa em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Moraes Servulo.jpg

Fotografia 11\_Pescadora em São Francisco do Itabapoana - RJ\_Marco Antonio Couto Marinho.jpg

Fotografia 12\_Mulheres limpando peixes em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 13\_Limpeza de peixes em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 14\_Limpadora de pescados e seu filho em Quissamã - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 15\_Descascadeira de camarão em São João da Barra - RJ\_Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes (1).jpg

Fotografia 16\_Mãos de descascadeira de camarão em Campos dos Goytacazes - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 17\_Limpeza de Lula em Macaé - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 18\_Retrato de descascadeira de camarão de São João da Barra - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 19\_Mulher descascando camarão em São João da Barra - RJ\_Deisimara Barreto Peixoto Gomes Moraes (1).jpg

Fotografia 20\_Entrada do Mercado do Peixe de Atafona em São João da Barra - RJ\_Luceni Hellebrandt.jpg

Fotografia 21\_Retrato de comerciante de pescados em São João da Barra - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 22\_Comerciante de pescados em São João da Barra - RJ\_Mariana Sena Lopes.jpg

Fotografia 23\_Comerciante de pescados em Macaé - RJ\_Síntyque Lemos de Morais Servulo.jpg

Fotografia 24\_Mulheres cooperadas trabalhando com processamento de pescados em Arraial do Cabo - RJ\_Suelen Ribeiro de Souza

Fotografia 25\_Ponte em São Francisco do Itabapoana - RJ\_Luceni Hellebrandt.jpg

**Breve CV del artista/ Breve CV do artista**

Trata-se de um grupo de pesquisadores associados à referida pesquisa:

**Dra. Silvia Alicia Martínez – Profa. UENF (coordenadora)**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4721847U0>

**Dra. Luceni M. Hellebrandt - Pós- Doc/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4537791A5>

**Dr. Marco A. C. Marinho - Pós-Doc/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4508307P0>

**Dr. Marcelo C. Gantos - Prof. UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4721702Y0>

**Sintyque L. de Moraes Servulo - IC/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8616390Z8>

**Deisimara B. P. G. Moraes - Mestranda/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4455609A1>

**Mariana Sena Lopes - IC/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8682496T4>

**MSc. Suelen R. de Souza - Doutoranda/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4653816E6>

**Cíntia Rodrigues Bach – UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4908682T6>

**Carolina dos S. O. Viana - IC/UENF**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4431829P5>

#### **Datos de contacto/ Dados de contato**

Silvia Alicia Martínez (Coordenadora Projeto Mulheres na Pesca)  
Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais  
Universidade Estadual do Norte Fluminense  
Av. Alberto Lamego, 2000 - Parque Califórnia. Campos dos Goytacazes -  
RJ. CEP: 28013-602

Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais

<http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/>

**Mulheres na pesca**

<https://www.facebook.com/projetomulheresnapesca/?ref=ts&fref=ts>  
[projetomulheresnapesca@gmail.com](mailto:projetomulheresnapesca@gmail.com)



# VI CONINTER

CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES

Anexo I

## CERTIFICADO

Certificamos que O TRABALHO INTITULADO **UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS DA COMUNIDADE DE PESCADORES DE FAROL DE SÃO TOME** □ RJ DE AUTORIA DE **SUELEN DE SOUZA DE SOUZA**, FOI APRESENTADO NO GT **Conservação da Natureza, Conflitos Ambientais e Comunidades Tradicionais**, DURANTE O VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, realizado no período de 01 a 04 de novembro de 2017, na Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 04 de novembro de 2017.



Profa. Dra. Adelaide Alves Dias  
Coordenadora do VI CONINTER



# VI CONINTER

CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES

## CERTIFICADO

Certificamos que O TRABALHO INTITULADO **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DAS MULHERES EM COMUNIDADES PESQUEIRAS DOS MUNICÍPIOS DE QUISSAMÃ E SÃO JOÃO DA BARRA, RJ.** DE AUTORIA DE **DEISIMARA BARRETO PEIXOTO GOMES MORAES**, FOI APRESENTADO NO GT **Estudos de Gênero, Sexualidades e Corporalidades**, DURANTE O VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, realizado no período de 01 a 04 de novembro de 2017, na Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 04 de novembro de 2017.



Profa. Dra. Adelaide Alves Dias  
Coordenadora do VI CONINTER

